

DEFESA DE ESPINHO

DIRECTOR: ALVARO GRAÇA

FUNDADOR: BENJAMIM COSTA DIAS

SEMANÁRIO - ANO 51.º - N.º 2672

QUARTA-FEIRA, 15 DE JUNHO DE 1983

PREÇO 15\$00

Cidade faz 10 anos

Como diria, cantando, Paulo de Carvalho, «dez anos é muito tempo». O tempo suficiente para repensar esta cidade: valeu a pena?

Ao longo de uma boa parte das páginas desta edição, contribuimos com alguns dados que permitam, ao leitor, encontrar ele resposta.

Fomos à rua. Falámos com o cidadão comum. Pusémo-lo a falar. Da maneira como vê a cidade, naturalmente.

Fomos ao Mercado Municipal - o diário, da Rua 23.

Encontramos aí uma amostra de um Espinho de 1972... ou de 1914?!

Fomos à procura do futuro.

Com a ajuda do arquitecto Jerónimo Reis, entrámos na máquina do tempo e parámos num provir, onde Espinho já

não era a imitação «demodé» de Nova Iorque.

Fomos aos arquivos.

Buscámos dez datas que ficam na história da cidade.

Recuando mais, recordamos as invasões do mar, «O azul do mar fez-se negro de ódio...»

Fomos aos bairros de lata, aos «males» sociais de uma comunidade piscatória, ao desleixo que ainda habita aqui. Fomos, enfim, à outra cidade...

Fomos, num triângulo de cabeças, percorrer o alfabeto, construindo, com pequenos nacos de prosa, um retrato diferente desta cidade de dez anos. Porque dez anos (de cidade) é muito tempo...

□ Páginas 5, 6, 7, 8, 9, e 16



Esperança...

«Um Governo que toma posse é, uma nova razão de esperança - disse o Presidente da República na posse do 9.º Governo Constitucional, presidido pelo Dr. Mário Soares.

É, efectivamente de esperança quase generalizada, o ambiente que envolve a acção do novo Governo.

Segundo os observadores, nunca o general Eanes

usou a mesma linguagem em cerimónias idênticas - e ele já presidiu a várias ao longo do seu mandato.

Reconheceu o Presidente que a situação económica é difícil, «resultante de uma degradação continuada», mas não deixou de sublinhar que o quadro político, que ele considera novo, «oferece condições favoráveis para o exercício eficaz da acção governamental».

Desmentindo a ideia de que não apreciara devidamente a acção do Governo cessante, Eanes afirmou que era justo reflectir «os esforços desenvolvidos pelo ex-primeiro ministro e seus colaboradores, em condições singularmente difíceis», para que não fosssem criadas a Mário Soares dificuldades adicionais àquelas que foi encontrar «e que todos nós reconhecemos».

«Lancemo-nos ao trabalho - dêmo-nos as mãos», afirmou no seu discurso Mário Soares, em jeito de apelo a todos os portugueses. E sem deixar de reconhecer as dificuldades que vai encontrar, sublinhou que «se nunca terá sido invejável ser Governo em Portugal, hoje, não só é tremendamente arriscado, como é motivo de grande incomodidade pessoal e de indiscutível sacrifício».

Lembrando o que todos já conhecem mas de que poucos fazem caso, o novo Primeiro-Ministro disse

que o País se encontra «paralisado há largos meses. A economia está desregulada. Empresas públicas e privadas da maior importância, que empregam milhares de trabalhadores, estão à beira da falência, asfixiadas, com prejuízos que se cifram em milhões de contos».

Também de corrupção, dizendo que «é uma chaga já hoje indistigável no corpo da Nação».

Mas apesar de todo este quadro negro desenhado por Mário Soares, repetiu-se que o ambiente que ca-

racterizou a tomada de posse, foi de esperança.

Ao reflectir que desde o 25 de Abril temos vivido «demasiado instalados no provisório, com a incómoda sensação de que tudo pode ser posto em causa; que ninguém sente segurança e que para os autores da desestabilização esse é o objectivo procurado», Mário Soares afirmou em tom enérgico que tudo isso «tem de acabar!»

É essa, repetimos, a esperança de todos os portugueses...

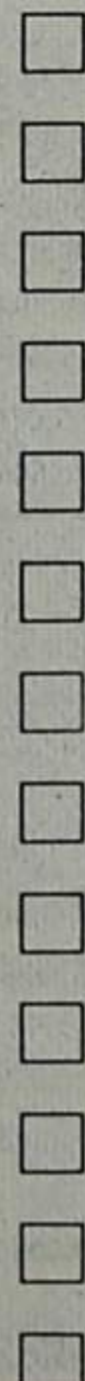
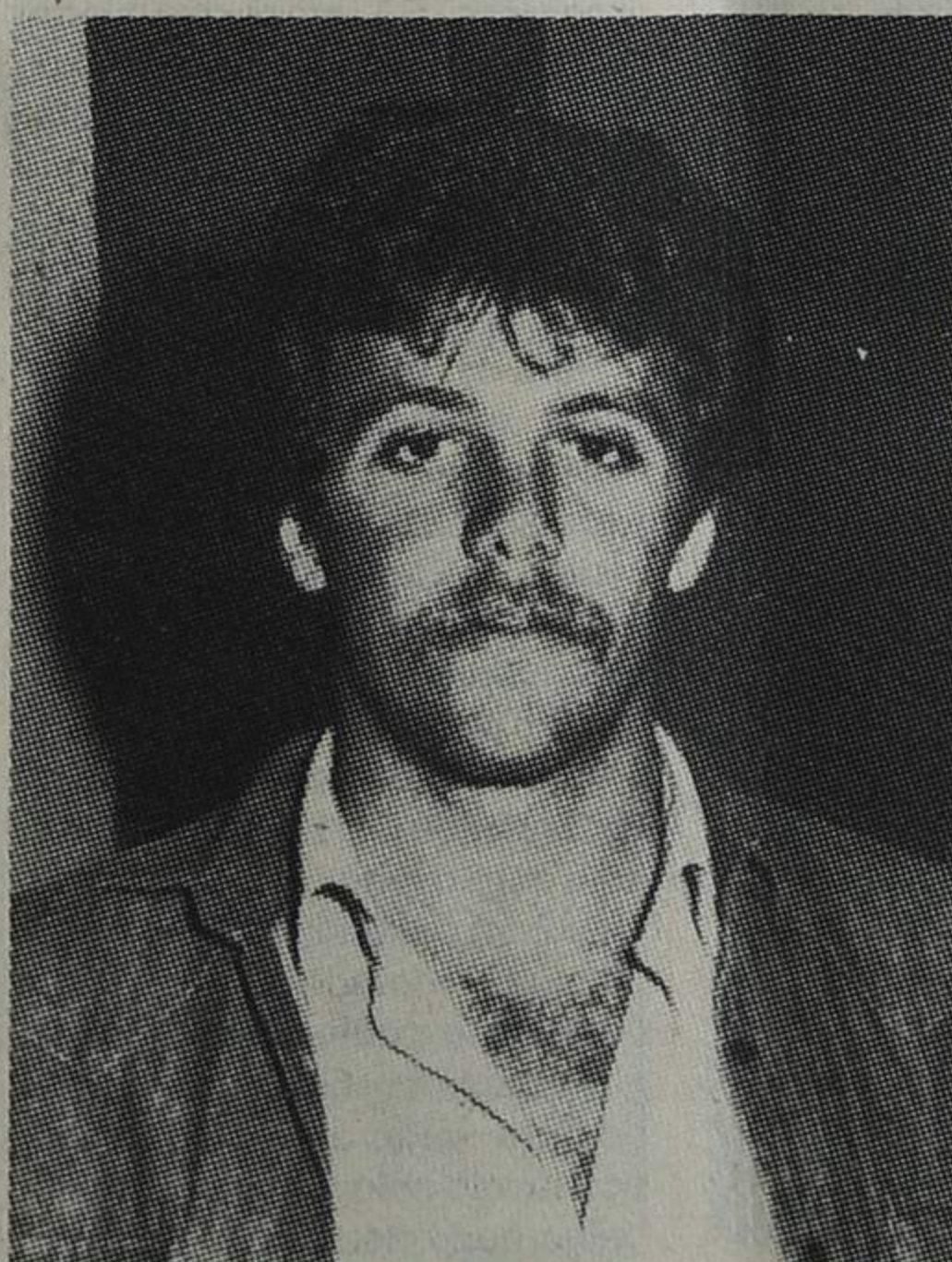
Alvaro Graça

Voleibol

Ele veio (do Brasil) para ficar...

- Margarida Quarenta: campeã nacional absoluta de ginástica rítmica
- Futebol: Liguinha começa bem

□ DESPORTO



GEU

Uma colectividade que «veio» do espaço

□ PÁGINA 10

Sessão privada

Câmara contra os ratos

O vereador de higiene e limpeza, Alfredo Casal Ribeiro, foi encarregado pela Câmara de estudar propostas de cinco firmas visando a desratização da cidade — foi decidido na última sessão privada, realizada quinta-feira por o dia seguinte ter sido ferido. As propostas apresentadas

oscilam entre os 92 430\$00 e os 198 750\$00.

Entretanto, a Repartição Técnica foi solicitada, naquela reunião, para emitir uma informação que permita esclarecer a Assembleia Municipal sobre a urbanização da zona envolvente do

aparthotel «Solverde», em fase de acabamento.

Recorde-se que na sua última sessão, a Assembleia havia rejeitado uma proposta do PSD no sentido de se acelerar o processo para a renovação urbana da área, por insuficiência de elementos.

Para além de pedir a informação à Repartição, a edilidade deliberou ainda distribuir fotocópias da solicitação a todos os vereadores, para que possa ser melhor estudada, permitindo uma próxima deliberação.

Próxima deliberação — já na próxima sessão — vai ser tomada também na reunião de sexta-feira a respeito de uma moção da APU, sobre o não cumprimento integral da Lei das Finanças Locais.

Também na sexta-feira, o presidente da Câmara representará Espinho num debate que em Estarreja se fará sobre a integração dos serviços municipalizados daquele concelho na EDP. Estudar primeiro as experiências dos outros para não se cair nos mesmos erros, quando se avançar com uma decisão em termos de Espinho — esse parece o objectivo da participação de Artur Bárto na referida reunião.

Escola n.º 5 de Espinho Fim de ano em festa

A Escola n.º 5 de Espinho — a funcionar nas antigas instalações do Colégio de N.ª S.ª da Conceição — vai realizar, no próximo dia 25, pelas 20.30 horas, uma festa de fim de ano lectivo, dedicada aos alunos e pais daquele estabelecimento de ensino. Nela participará, gratuitamente, o Rancho Folclórico d'Espinho Viva, o grupo de ginástica rítmica do Sp.

de Espinho, o grupo coral e instrumental da Escola Preparatória de Espinho, o grupo de flautas de antigos alunos, grupo coral da escola e, como convidada especial, Manuela Bigail.

A direcção desta escola pode contar com a colaboração de todos os encarregados de educação.

Desde 1960

Mais de um milhão no caminho da emigração

Em breve, as nossas estradas irão ficar cheias de carros de matrículas estrangeiras: são os emigrantes, que aproveitam o Verão para «descer», até ao país natal e matar saudades. Mas emigrar é ainda um flagelo para os portugueses. A falta de oportunidades de melhorar a vida, o desemprego, a insegurança para o futuro, são alguns dos factores que «obrigam» muitas pessoas a partir para outros países. Normalmente, os escolhidos são os Estados Unidos, a Venezuela, o Canadá, a França e a Alemanha. Lá, lutam com muitas dificuldades, preferindo-as a uma vida incerta e incógnita no seu país.

Desde 1960 até ao final do ano findo, cerca de um milhão e cem mil portugueses deixaram a sua terra, a

sua casa e partiram, por esse mundo fora, sós ou com a família. Talvez estes números venham a confirmar que, para uma parte dos portugueses, a sociedade não serve já, a vida não dá segurança e continuamos a ver este flagelo crescendo como «bola de neve».

«Ei-los que partem/ de olhos molhados/ buscando a sorte noutras paragens/» — esta uma frase de uma canção dedicada aos emigrantes. Infelizmente sempre actual...

Até quando seremos um país onde a emigração é um mal necessário? Até quando veremos as nossas estradas cheias, todos os Verões, de gente que traz muitas histórias na sacola e saudades na alma?

Pessoais

NASCIMENTOS

No dia 1, Sandra Filipa, filha de Manuel Lourenço dos Santos Silva e de Teresa da Conceição Gomes Mendes, na Rua 5, n.º 604, em Espinho; no dia 1, Nuno Miguel, filho de José Carlos Ferreira Gomes e de Noémia de Oliveira Ferreira, na Travessa da Avenida, n.º 8, casa 240, em Espinho; no dia 5, Virgínia, filha de Moisés Ferreira dos Reis e de Laurinda Pinto de Meirezes Cardoso, no lugar da Quinta, em Paramos; no dia 6, Marco André, filho de Manuel da Silva Gomes e de Ana Godinho de Carvalho Gomes, no lugar de Sales, em Silvalde; no dia 7, Filipe André, filho de José Manuel Reis Figueiredo e de Maria de Lurdes Bessa do Amaral Coutinho de Figueiredo, na Rua da Solverde, n.º 3, rés/chão direito, Anta.

CASAMENTOS

No dia 28, António Manuel da Rocha Nunes, de 24 anos e Maria Celina de Oliveira Alves, de 21 anos, em Anta; no dia 28, António Pereira da Silva, de 22 anos e Fernanda Maria da Silva Barbosa, de 20 anos, em Espinho; no dia 2, Augusto Marques de Oliveira, de 34 anos e Maria Maria Amélia da Silva Pinto, de 34 anos, em Espinho; no dia 3, José Manuel de Oliveira Mourão, de 22 anos e Maria Adelaide Dias dos Santos, de 22 anos, em Espinho; no dia 3, Dário César dos Santos Capela, de 25 anos e Maria Teresa Colares de Sousa, de 33 anos, em Espinho; no dia 7, Luís Sarga Pazos, de 27 anos e Lucília Fernanda de Oliveira Bandeira, de 23 anos, em Espinho.

ÓBITOS

Isaura Rita, de 85 anos, solteira, faleceu na Rua 5, n.º 279, em Espinho, no dia 7; Generosa Dias da Mota, de 91 anos, viúva, na Rua 41, n.º 155, em Espinho, no dia 7; Alice Miranda de Carvalho, de 72 anos, viúva, na Rua 16, n.º 968, rés/chão esquerdo, em Espinho, no dia 10; António Moreira de Sousa, de 43 anos, casado, no Bairro Violas, em Anta, no dia 11.

Todas as quintas-feiras entre as 11 e as 13 horas

Os títulos do «DE» na Rádio Porto

Todas as quintas-feiras, entre as 11 e as 13 horas, no programa «Norte 83», da Rádio Porto, emitido através da estação de Miramar, o nosso jornal anuncia os títulos da edição que ao entardecer vai para as bancas e no dia seguinte chega a casa dos assinantes.

É-lhe assim possível, caro leitor, saber com alguma antecedência o que de mais importante publicamos, graças à colaboração de Cunha Pinto, o responsável do programa.

Ovar

Ainda a 2ª Repartição de Finanças

□ AUGUSTO OLIVEIRA

Lemos algures que um País, uma empresa ou um organismo, podem aferir a eficácia da sua acção consoante as estatísticas (exactas) de que disponham.

Para darmos uma ideia mais exacta da (falta de) justiça da Câmara de Ovar no andamento do processo da criação da 2.ª Repartição de Finanças e da falta de elementos com que foi exarado o despacho, tivemos o cuidado de elaborar algumas estatísticas e, destas, ressaltam os números que vamos tornar públicos. Assim, temos: OVAR NASCENTE — Só nas firmas fixadas na parte nascente de Ovar e que são: Fanafel, Frapal, Batista & Irmão, Rabor, Fopil, Cavan, Volvo, Philips, Soja de Portugal, Hilman, Gavex, Ovar Madeiras, Ferpinta, Argibetão, Provimi, Bascar, Oficinas da CP, Toyota, Garagem de Automóveis, Serrações, Sametral, Transportes António e Arlindo Oliveira, etc. trabalham cerca de 3.700 operários (5 vezes mais do que em Esmoriz); CORTEGAÇA — Nas indústrias e comércio local, trabalham um pouco mais de 2.000 pessoas, repartidos, aproximadamente, por: 1/3 de Cortegaça; 1/3 de Esmoriz e outro 1/3 de outras freguesias vizinhas, com maior incidência de Maceda. De notar que, em Cortegaça, trabalham quase tantas pessoas de Esmoriz como Esmoriz emprega em toda a sua grandeza, mesmo incluindo as firmas de capital misto (parte de Cortegaça) ESMORIZ — Com base em elementos colhidos pelos autores do antepiano de urbanização e aumentando,

ainda, em certa percentagem, admitimos que ocupe cerca de 800 pessoas. Ser-lhes-á fácil, elaborando uma estatística das firmas, como o fizemos, avaliar da realidade deste número ou em quanto possa estar falseado.

Se Ovar não tivesse adormecido; se Ovar não tivesse perdido o brio e entusiasmo que sempre foi apanágio dos vareiros, não consentiria que um tal assunto tivesse sido «boicotado» pela Câmara, ou, para sermos mais claros e irmos à razão das situações criadas — que muitas serão na gestão do período de 4 anos — não consentiria que Ovar (vila) não tenha, há cerca de 10 anos, um presidente de Câmara que seja natural da vila e, muito menos, que se forme um elenco camarário sem um único vereador natural de Ovar! Isto faz pensar, meus senhores! Não que não aceitemos a existência de homens (de fora da terra) que não tenham o seu valor e certo amor à terra onde residem, mas porque se torna verdadeiramente depreciativo não encontrar quem queira — ou quem sirva — para estes cargos. Não importaria que fosse da APU ou do MORN. Interessaria, mais, um homem vertical, independente, sem ligações nem compromissos, que pudesse representar o concelho — tão importante como é Ovar — pondo acima de tudo a justiça e o amor à sua terra. Esperemos que, em próximas eleições, isto não seja esquecido e, antes que tal aconteça, os actos sejam transparentes e... vigiados, dentro do que preceituam as Leis.

Pois, se adicionarmos àqueles 3.700 operários que trabalham na parte nascente da vila, mais cerca de 1.000 alunos e professores das escolas situadas na mesma área, teremos encontrado razão bastante para, até, sediarmos a 2.ª Repartição em causa nesta área. Serviria melhor todos estes utentes e, de certo modo, suavizaria as inconveniências das freguesias do norte, agora só resumidas a Esmoriz e Cortegaça, já que Arada (nem pensar!) e Maceda se desligaram... Mas não se pense que, ao escrevermos assim, é o mesmo que dar por perdida a batalha e... contentarmo-nos em desviar de Esmoriz aquilo que não «pode» ser para Cortegaça. Não! Ao escrevermos assim, apenas estamos a escrever «contra» os homens de Ovar, enquanto os de Esmoriz, sem hipocrisia, só merecem louvores do seu povo. Logicamente que a nossa posição não nos permite ser por eles, mas o seu povo tem motivo para estar satisfeito com os gestores que tem. Mas retomando a posição de Cortegaça, ela mantém-se inactiva: ou se cria uma repartição em Cortegaça ou Cortegaça não aceita a anexação a Esmoriz e continuará a lutar contra a injustiça do despacho.

E como continuamos a alertar Ovar, permitimo-nos chamar a atenção para mais alguns números publicitados por Esmoriz, a saber: diz Esmoriz, em determinado escrito, que gastou ou está a gastar, nas coisas públicas da terra, cerca de 500 mil contos! Esmoriz, nem de perto nem de

longe, provoca receita para «ter o direito» de gastar tanto dinheiro. Assim, isto faz lembrar um pai que tem 6 filhos e, entre eles, — até aquele que não provoca mais rendimento — um só gasta mais do que os outros todos juntos. Com o consentimento e o olhar paternal, neste caso configurado no presidente da Câmara! Que dizem a isto os restantes filhos, que é como quem diz as restantes freguesias do concelho e a própria Ovar? Mas Esmoriz diz mais, na sua «mensagem», que mostrará de ver concretizadas as obras mais essenciais, para que, no fim do actual mandato, já reuna condições para se impôr como concelho! Repetimos que nada temos contra Esmoriz e contra a sua vontade, lógica, de progresso. Só temos que alertar Ovar e que, aquele progresso ou aquela independência, não se façam, vá lá, à custa do dinheiro que paga Cortegaça e em detrimento daquilo que, justamente, deve pertencer-nos.

Para o povo de Cortegaça, neste momento, só mais um alerta e uma mensagem: Está a ser elaborado o antepiano Urbanístico de Cortegaça/Esmoriz e, também neste, se vê que os critérios usados estão completamente desajustados para cada uma das freguesias. Cortegaça, deseja o seu plano, urgentíssimo, feito com o maior consenso possível com os técnicos, mas dentro da sua «vontade e necessidades», que conhecemos melhor que ninguém. Os responsáveis da terra serão eternamente responsáveis pelo bom ou mau trabalho que nasça deste Plano.

Correio

Melhorar a cidade

Como se sabe, em Espinho existe muito para fazer. Mas senhores de gabinete continuam mostrando passividade na resolução dos problemas existentes e que são vastos, no seu aspecto geral.

Mudam-se as caras mas o resultado é sempre igual. Apenas se difere nas estratégias, pois os fins a alcançar são sempre os mesmos, como é evidente. O autor desta carta não deseja aqui apadrinhar qualquer partidário político, deseja sim defender os interesses gerais de Espinho.

Fala-se tanto em plano de urbanização concelho mas continua-se a notar a sua inexistência. Quanto tempo mais se vai esperar por esse plano?

Por outro lado, podia-se dar outro aspecto aos passeios de peões, que tantos são em Espinho e que se encontram, numa boa parte, num estado deplorável. E por falar em passeios, quando se pensará diminuir-se a largura dos passeios junto ao campo de futebol do SCE, permitindo, assim, o alargamento da Av. 8? Quando se pensará ainda eliminar o abuso e o arcaísmo que é a secagem de roupa na via pública? Quando se pensará dar uma limpeza no largo da capela de S. Pedro?

Muito existe para fazer e aqui ficam alguns exemplos. Mas é preciso vontade política. Vontade política também para dar outro aspecto à Av. João de Deus, para melhorar o parque infantil. São pequenos-grandes melhoramentos para os quais até nem é preciso muito dinheiro e que melhorariam a fisionomia da cidade que deve ser lançada para o futuro.

Alberto Alves de Almeida
Espinho

500\$00

são 52 semanas de mensagens de e para Espinho

Se não é nosso assinante porque espera?

Galiza esteve no Norte durante três dias

A Galiza, por intermédio de uma Delegação de Turismo, encabeçada pelo seu director-geral Gonzalez Sobral, juntou-se ao Norte durante três dias do último fim-de-semana, em encontro realizado no Shopping Center Brasília, e aí promoveu jornadas de arte, cerâmica, gastronomia, música e vestuário.

Foi um certame cheio de atractivos em que foram apresentadas algumas das potencialidades turísticas daquela região autónoma espanhola.

Quando da sua inauguração, no dia 9, aquele dirigente, que representava o ministro conselheiro galego, referiu que a iniciativa visava o intercâmbio cultural e turístico entre os dois países ibéricos, acrescentando que os portugueses iriam ter oportunidade, como de facto aconteceu, de verem mais de perto, muito do que a Galiza tem para lhes oferecer.

O vasto programa incluiu recepção às autoridades do distrito, actuação de grupos folclóricos, uma homenagem à poetisa Rosalia de Castro, junto do seu monumento, na Praça da Galiza, no Porto, a entrega de troféus a agentes de viagem que mais se distinguiram em decorações sobre a Galiza, etc..

Soubese que já estão em preparação as «segundas jornadas de promoção turística da região espanhola», a decorrer na próxima Primavera, as quais se dirigem a agentes de viagem, associações de empresários turísticos e entidades ligadas à indústria hoteleira, o que é interpretado como um passo importante no campo do turismo entre a Galiza e o Norte de Portugal.

«TURISTAS DE GARRAÇÃO» DESAGRADAM AOS ESPANHÓIS

Ao Porto vieram directores e responsáveis de hotéis e restaurantes da Galiza, assim como o director e subdirector do Casino de La Toja.

Vicente Oyonarte, director do Gran Hotel Lugo, anunciou aos jornalistas que estava em projecto uma visita de agentes de viagem e profissionais da imprensa e da rádio do norte de Portugal, à sua cidade. Disse que os portugueses conhecem mal Lugo.

José Domingos, proprietário da Taberna-Restaurante do Real Club Náutico de Vigo, lamentou que muitos portugueses continuem a deslocar-se a Espanha levando comida e garrações de vinho, conspurcando as artérias da cidade com papéis e restos de comida. afirmou que estava fazendo um grande esforço no sentido de servir no seu restaurante refeições sem lucro, que ficarão bastante mais baratas do que a comida que os portugueses levam daqui, isto com o objectivo de evitar que continuem a ver-se em Vigo os chamados «turistas de garração».

Casos

Comida estragada leva família ao hospital

Comida estragada, provocando intoxicação, levou sete pessoas, do mesmo agregado familiar, a serem internadas na semana passada, no Hospital Joaquim Urbano, no Porto.

Ao que parece, as vítimas queixam-se de ter ingerido arroz, bacalhau e carne, numa festa de comunhão de um parente, em S. Félix da Marinha, que apresentava um cheiro esquisito. A própria carne exibiu uma cor amarelada, fora de comum.

As sete pessoas foram internadas, inicialmente, no Hospital local mas, dado o agravamento do seu estado, tiveram que ser transferidas para o Porto. Trata-se de Manuel Sousa Silva, de 46 anos, solteiro, reformado; sua irmã, Ana Rosa Sousa Silva, viúva, doméstica; suas duas filhas, Maria do Carmo da Silva Carvalho, de 24 anos, solteira, papelaria, e Ana Maria Silva Carvalho, de 15 anos, estudante; de Leonor Sousa Silva (irmã de Ana Rosa), de 45 anos, casada, capacheira, e os dois filhos, Vítor Manuel de Sousa Borges, de 7 anos, e Gracinda de Sousa Borges, de 19 anos, estudante. Todos residem, sob o mesmo tecto, no lugar da Relva, em Silvalde.

Um caso que, com certeza, não irá ficar por aqui...

APARATOSO ACIDENTE

Uma carrinha e um autocarro de infantário, chocaram de frente, no cruzamento das Ruas 23 e 24, na passada quinta-feira, pelas 19.30 horas. O acidente provocou um sobressalto por toda a cidade, quando se veio a saber que o autocarro seguia cheio de crianças dos ensinos infantil e pré-primário.

Os sinais luminosos daquele cruzamento, naquele momento

No Casino

Exposição de pintura de Rui Pinto

Uma exposição de pintura de Rui Pinto, vai estar patente ao público de 18 a 30 do corrente mês, na Galeria de Arte Solverde, do Casino local.

Para além de pintar, Rui Pinto dá provas de possuir, também, veia poética. Por exemplo, este pequeno poema datado de Maio de 1982:

«A solidão é chama/ um conteúdo, uma intimidade/ A minha solidão é verde/ como o olhar de um lago./ Perpétua./ Uma chama acesa/ que anda dependurada/ nos cantos da Natureza.»

Em Silvalde

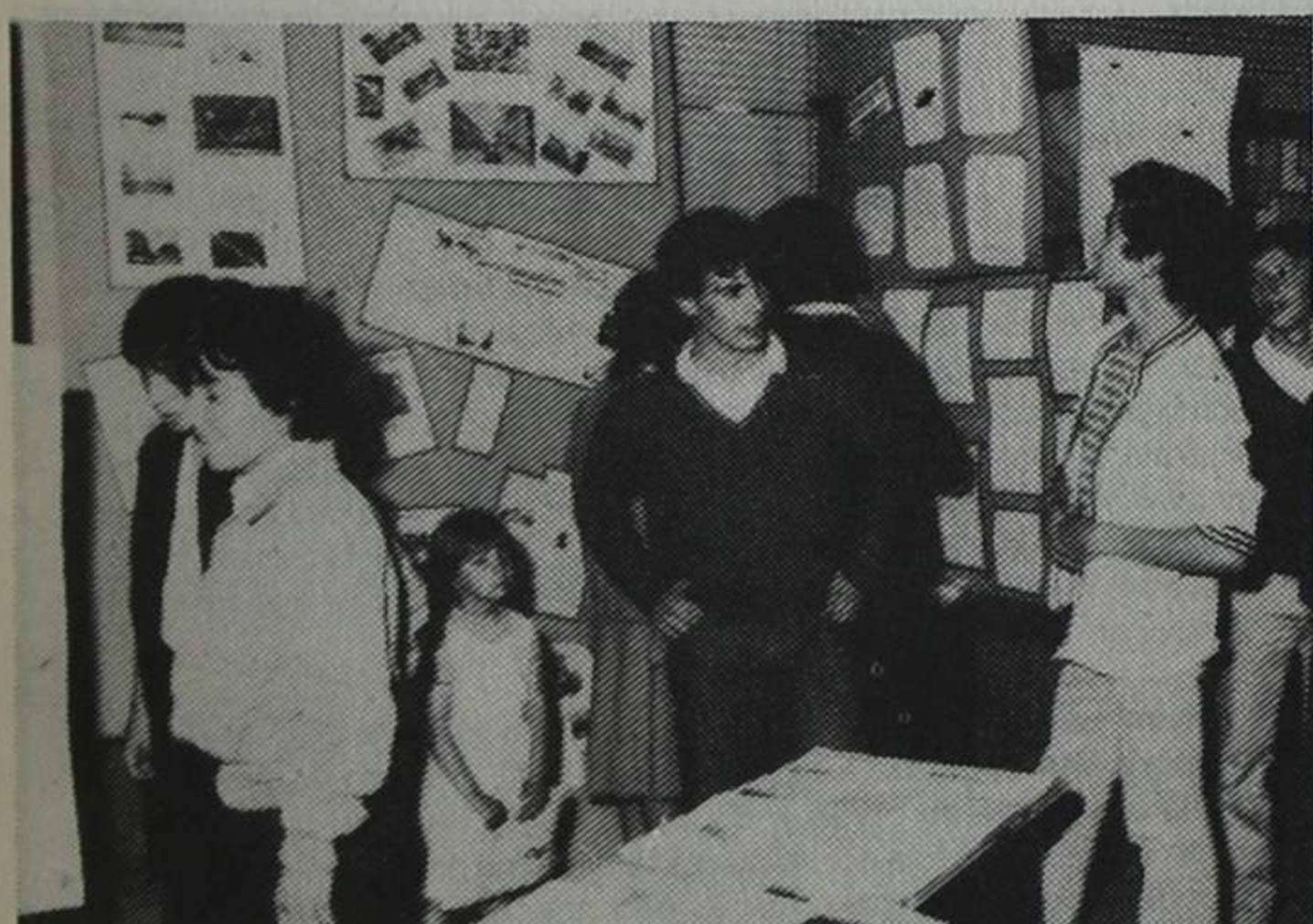
O «Defesa de Espinho» vende-se nos seguintes locais: Café Ferro e Café Ilhéus.

Ex-liceu «foi» ao passado

As invasões do mar em Espinho foram pretexto para uma exposição, acompanhada de diaporamas, na Escola Secundária do dr. Manuel Laranjeira.

A exposição foi organizada pelo grupo de estágio de História daquele estabelecimento de ensino, através dos professores Isaias e Maria Rogélia, com a participação do professor de Português, Ludovino. Contaram com a colaboração «indispensável» dos alunos. Foram usados 200 disporamas da autoria de Alberto Pinho.

campo artístico, havia referências às canções populares de Espinho, aos ranchos e aos cortejos antigos em favor das obras da Igreja. No campo desportivo, alusão a famosas equipas como, por exemplo, a do voleibol feminino do Sp. Espinho de 1964, que por quatro vezes consecutivas foi campeã nacional. Fez-se também a evolução, com fotos alusivas, dos desaparecidos moínhos do Mocho e do jardim da Estrela, do qual só resta a palmeira, situada no ângulo das ruas das ruas 7 e 62.



Um aspecto da exposição, vendo-se, aqui e ali, diversos exemplares do nosso jornal (foto J. Martins)

Paralelamente, esteve patente uma exposição retrospectiva sobre Espinho, ficando os aspectos históricos, culturais e artísticos. Eram evocadas figuras como o dr. Manuel Laranjeira, o Marquês de Graciosa, o almirante Jaime Afreixo, os drs. Castro Soares (pai e filho), Benjamim Dias, dr. Gomes de Almeida, dr. Joaquim Pinto Coelho, Fernando de Miranda Gomes, Henrique Pinto Brandão, etc. No

As fotos cedidas são do museu de Espinho. Dos três professores organizadores só Maria Rogélia é de Espinho. No entanto, este facto não desmotivou o interesse de todos pelo trabalho. De referir ainda que a exposição foi visitada por muitas pessoas, na sua maioria alunos alunos do estabelecimento de ensino, não faltando, contudo, pessoas a ele estranhas.

PROFESSORAS ASSALTADAS

Duas professoras do Ciclo Preparatório de Espinho, a funcionária no Palácio da Rosa Pena, Maria Isabel de Almeida Valente e Maria Homozinda Couto Moreira, apresentaram queixa contra desconhecidos que, no passado dia 23, lhes furtaram as suas carteiras, contendo documentos e algum dinheiro, nos balneários daquela escola. Suspeita-se que os autores do furto sejam dois

indivíduos, de que ainda se desconhece nomes e residências, assíduos frequentadores daquele local, às segundas-feiras, durante a feira local.

CARTEIRA «VOA» NUMA OBRA

Desconhecidos assaltaram, na última segunda-feira do mês findo, António Gabriel da Cruz Valente, levando-lhe a carteira com documentos e dinheiro numa obra em construção da Rua 29, junto à Rua 30.

«Criminoso capturado»

Nos «casos» da semana passada, o nosso jornal publicou, na página 9, nota da captura de Catolino Gomes Ferreira Neves, de 33 anos, solteiro, servente de construção civil e residente no bloco G, entrada 1, 1.º dt.º, no Bairro do FFH, na Ponte de Anta. Esse indivíduo tinha, segundo fonte policial, uma mandato de

captura emitido pelo Tribunal de Instrução Criminal de Gaia.

Para titular esse caso, e por lapso, usamos a expressão «criminoso capturado» que, na verdade, não se ajusta ao conteúdo. De facto, enquanto não é condenado, um indivíduo não pode ser considerado criminoso, pelo que apresentamos aqui as nossas desculpas ao lesado.

LEIA E DIVULGUE «DEFESA DE ESPINHO»



PEUGEOT

UMA GAMA COMPLETA

NA

MOCAR

OU EM QUALQUER DOS SEUS AGENTES EM TODO O PAÍS

ESCOLHA O SEU PEUGEOT



404 Chassis Cabine



504 Pick-up



504 Renforcé (DSL e GAS.)



104 (ZL e GL)



UMM 4x4

Chegou nova remessa de outros modelos importados da gama de 1983, em exposição nos Stand's da Agência Peugeot em:

OLIVEIRA DE AZEMÉIS — Telef. 64041 / 2
LOUREIRA — Telef. 7641825
ESPINHO — Telef. 724309

PEUGEOT

A outra cidade

Recados
ao poder

Espinho é também a outra face. Tão perto e tão longe da Rua 19, do «Esquimó», do «ballet» da Academia, do Casino, do «chrochet», do Bairro Chinês ou das torres da Rua 20.

A «outra face», há quem a conheça de vista: do cruzamento apressado nos corredores da «Domus», da

mau esticada na «baixa», da expressão de desagrado tão rapidamente adquirida como esquecida.



Por baixo, a erva cresce, cresce...

Quem disse que há falta de espaços verdes na zona urbana?! Quem o fizer, mente descaradamente. É que, para além do parque João de Deus e do jardim fronteiro à Igreja Matriz, temos por aí um sem-número de «mini-selvas» a crescer à sombra de velhas carripanas, plantadas há séculos pelas artérias da cidade.

O exemplar da foto está a dar à Rua 12, entre as ruas 23 e 25, um toque de cemitério de automóveis há tantas semanas que se lhe perderam a conta. Por baixo, a erva cresce, cresce, tão viçosa que o viveiro do relvado do «Avenida» há-de morrer de inveja...

Quinze anos e um filho nos braços

□ JAIME GABRIEL DE JESUS

Aos quinze anos, muitas jovens do bairro piscatório, no extremo sul da cidade, «estão já com um filho nos braços». Paula, com essa idade, é a excepção que confirma a regra instalada naquele povoado de mais de 3 mil «portugueses de segunda», onde, entre a saltada ao mar e o pregão da varina, mora a pobreza, a subnutrição, e ignorância e uma sucessão de outros «males» sociais encaixados.

«MUITO JUÍZO»

Paula tem 15 anos. O cabelo, de um arruçado sem vida, é multíssimo curto, corte arrapazado. Os olhos tristes, plantados num rosto sardento, deixam notar carências de todo o tipo — alimentar também, que o corpo franzino e raquítico não deixa mentir.

Uma em cada duas palavras de Paula é um obscenidade e, destas, uma em cada três tem a ver com sexo — quase diríamos com casamento porque, para a Paula, o casamento é rigorosamente igual a sexo. «Ah, quando eu casar!»...

Por entre mais duas dúzias de obscenidades, Paula não se colbe de nos contar práticas homossexuais com a irmã. Uma vulgaridade pelos seus lados, nessas idades — saberemos mais tarde. Mas, apesar disso, «tem muito juízo».

«Com a idade dela — dizem-nos — muitas já estão com um filho nos braços».

TRISTE VIDA

Paula mora no degradado bairro de pescadores, de mais de 3 mil habitantes, numa casa térrea entre areia imunda e o cheiro nauseabundo que «salta» das tampas do caduco sistema de esgotos.

Ali os homens dedicam-se, numa boa parte, à pesca costeira de arrasto, que os ocupa pouco mais de 6 meses por ano. Nos tempos livres, e nos restantes meses do ano, perdem-se nas tascas entre um cigarro sem filtro e um copo de maduro branco. As mulheres exercem uma actividade complementar da dos maridos: são peixeiras. Quando a «vivinha do nosso mar» falta, as varinas passam os dias sentadas na areia sebeta, numa roda de «talha-casaca», ou num riacho, por debaixo de caminho de ferro, que lhes serve de lavadouro, onde esfregam e resfregam, velhos trapos desbotados. Se calhar, nunca subiram num elevador nem entraram num café. Mas também não têm tempo de pensar na triste vida que têm. Como a Paula, já agora, e muito mais quando tiver a idade da mãe...

COLECÇÃO DE «CHUMBOS»

Segundo um estudo recente de uma equipa da Faculdade de Medicina do Porto, a pobreza e a ignorância, incluindo aqui uma ausência de conhecimentos sobre nutrição, são as principais responsáveis pela deficiente alimentação das crianças daquele bairro piscatório. Esta deficiente alimentação é, por seu turno, a responsável por um sem-número de doenças e pelo mau aproveitamento escolar dos alunos, de que se queixam os professores do ensino primário no bairro. Paula é disso um exemplo: trouxe da «primária» uma colecção de «chumbos». Mas professores, citados por um jornal, queixam-se de mais: que os alunos não só não aprendem como (alguns) se entretêm a masturbar-se nas aulas...

A média de reprovações é de 40 por cento. Segundo os professores, isso deve-se fundamentalmente à falta de uma pedagogia diferente, «única forma de se fazer algo», com crianças multicarenciadas. «Este sistema de ensino por fases não resulta, pelo menos qui, porque exige uma avaliação contínua mais trabalhosa e menos rendível».

MORTE OU DOENÇA

Entretanto, a mortalidade infantil é altíssima. De cada três crianças natas, só duas sobreviverão e metade destas

serão doentes. O estudo da Faculdade de Medicina, a que aludimos, e que insidiu sobre o grupo etário dos 0 aos 5 anos, afirma que a generalidade das crianças padece de patologia gastro-intestinal, infecções respiratórias e cutâneas, bem como uma alta prevalência de indivíduos com um perímetro cefálico abaixo do padrão. Verifica-se, ainda, uma anemia de cerca de 30 por cento, com alta prevalência de casos inaceitáveis.

Enquanto isso, o infantiário do bairro dispõe apenas de 110 lugares para perto de mil crianças. Uma educadora notava-nos a dificuldade que tinham em despertar a criatividade das crianças do jardim infantil que lhe estão confiadas.

«DORES DE CABEÇA»

Porém, a dificuldade que, desde muito pequenas, as crianças vão tendo em aprender «o que deviam», transforma-se em facilidade, quando se fala de marginalidade. Numa entrevista, em 1979, o comandante distrital de Aveiro da PSP, Nolasco Pinto, referia que a zona urbana de Espinho, na qual o bairro piscatório se inclui, «poderá ser considerada, pelas suas características próprias, a zona de índices de criminalidade mais elevados». Para isso, muito contribuem particularmente os filhos dos pescadores, que são quem mais «dores de cabeça» causam à Polícia local. Rara é a semana em que os semanários locais não noticiam casos envolvendo habitantes do Bairro.

Muito recentemente, numa outra comunidade piscatória, três quilómetros a sul, uma pessoa morreu e duas ficaram feridas, em consequência de rixas familiares motivadas por alegada infidelidade conjugal. Idênticos casos, embora de menor gravidade, são frequentes no bairro piscatório de Espinho, tendo sempre por origem questões deste tipo.

Os habitantes do bairro piscatório vêem o casamento como coisa ultrasagrada. Para além dos desvios sexuais da infância e adolescência — em parte devidos a situações de promiscuidade —, para além da iniciação de relações sexuais «normais» muito cedo, para além do casamento idem prematuro, há o véu e a grinalda, mais a aliança, que a serem desrespeitados, poderão mesmo pôr em risco a vida de quem se atreve a fazê-lo.

«RESPONSABILIDADES»...

O casamento é precedido de um namoro invulgarmente curto. Normalmente, o rapaz e a rapariga cedem facilmente à «tentação»: ele quer o prazer por prazer; ela procura o marido pronto a servir, porque a mulher quer-se «arrumada» (casa). Com relativa facilidade, ele «engana-a» (leia-se «desflora-a»). E a rapariga desflorada quer-se casada. Depois, nem se admirem as avós de 30/35 anos...

Às vezes acontece que o rapaz quer «fugir às responsabilidades», tentando escapar ao casamento. Maldita hora em que o tenta, pois vai ter a família e a vizinhança da rapariga, a toda a hora, a todo o momento, a bater-lhe à porta, a chamá-lo à sua «obrigação». «Furou a rapariguinha, agora que case...». E, salvo raras excepções, casa. Quando não... Tribunal.

... E IRRESPONSABILIDADES?

Um desses casos, julgado já este ano, foi relatado pelo nosso jornal:

«... Nos termos da acusação, num dia não precisado daquele mês e ano, o António C. teria desflorado, na cozinha de uma discoteca da cidade, a namorada, com a promessa de com ela casar (...). A partir daí — rezava a acusação — mantiveram relações sexuais regulares em casa da queixosa e, posteriormente, o réu negou ter prometido o casamento, afirmando não ser o autor do desfloramento. Refira-se que a relação sexual em causa se concretizou quando o António C. e a queixosa namoravam havia duas semanas...»

Na altura, a queixosa teria 14 ou 15 anos, tantos como a «nossa» Paula, que já sabemos ser uma rapariga «com muito juízo». Não esqueçamos que, «com a idade dela, muitas já estão com um filho nos braços». Decerto também a jovem que levou ao Tribunal o António C., que queria «fugir às responsabilidades».

Entre latas e azulejos

São latas velhas, amachuçadas pelo tempo e pelo chutar rebelde dos meninos da rua. Latas que fingem ser tijolos de uma casa vulgar. Cá fora, um tanque com água suja, uma corda corcunda pelo peso da roupa e uma lata de salsichas, à janela, onde mora uma dália vermelha. Do exterior, e por entre as muitas frinchas das paredes, são visíveis as duas camas de ferro, o fogão com painéis negros pelo fumo e uma mesa encostada à parede. Sentada num caixote de frutas, uma mulher descalça e com um lenço a proteger-lhe a cabeça, remenda uns calções cansados de remendos. As moscas entram e saem, sem perigo de insecticidas. Parecem felizes pela hospitalidade e, de vez em quando, vão beijar a testa enrugada da sua anfitriã, irritada.

Os miúdos andam na escola. Lá, aprendem o ABC. No seu bairro, os tradicionais palavões que usam sem dificuldades, ao chutar a bola, transmitindo raiva ou alegria. O monco seca nas narinas e os cabelos são povoados por gordos piolhos e lêndreas. A fome marca os rostos e os olhos mostram uma resignação viva de quem já aceitou passar toda uma vida sob latas velhas e amachuçadas. Lá ao fundo, o mar corre, ora violento, ora manso...

Só pelo S. João, os miúdos do bairro de lata do Rio Largo sentem alegria e euforia. O fogo de artifício rebenta no céu escuro, fazendo-os esbugalhar muito os olhos e gritar, chamando a atenção. No nariz, com o monco sujo, o cheiro das sardinhas gordas e das farturas chega, criando água na boca. Olham com certo desdém os outros miúdos, os de sapatos de verniz e de camisas de algodão. Deitam-lhe a língua de fora e troçam de inveja.

Mas não perdem a ocasião. Esticam a mão e pedem a quem encontram: «Uma c'roa». E quando já têm um montinho, repartem entre si e vão à procura de guloseimas... pois... porque... o S. João do Rio Largo não dura sempre...

O «PALACETE» E A «BARRAQUINHA»

O senhor «X» anda a construir uma vivenda no lugar do Formal, ali em Silvalde. Quando lhe dizem tratar-se de um belo «palacete» respondendo timidamente:

«Ora, é apenas uma barraquinha para mim e para a minha patroa!»

E na «barraquinha» abundam azulejos coloridos, lâmpadas espalhadas pelo grande jardim e portas com vidraças azuis nas paredes sólidas e brancas.

Também o senhor «K» anda a arranjar a sua casa. A dois passos da do sr. «X», num bairro de lata, amassa, com destreza, umas latas de azeite e prega-as, cantarolando, na parede do casebre, já povoada de outras latas ferrujentas. A mulher comenta que está ficar muito bonito e ele, vaidoso pelo trabalho que está a fazer, responde:

«Inté parece um palacete, hein!»

Este, o contraste duro de uma gente, de um concelho. De um lado, na urbanização do Formal, o senhor «X» confia no empreiteiro que encarregou de construir a «barraquinha» de azulejos. Do outro, o senhor «K» arranja o «palacete» de latas de azeite, onde mora com a mulher e uma ranchada de filhos. E enquanto prega e reprega, sente remorsos de vez em quando, beber um copito a mais e obrigar a família a andar à volta da velha mesa e a mulher a mentir, dizendo que a nódoa do rosto, foi o «raio» da porta que fêchou...

E porque não recordar o refrão da bela canção de Manuel Freire, sobre os bairros negros:

«Olha o sol que vai / anda ver o mar / o menino vai correndo / ver o sol chegar. / Negro, negro bairro negro, onde não há sossego».

M.F.

LEIA E DIVULGUE

«DEFESA DE ESPINHO»

Mercado Municipal

Sessenta e nove anos ao sol e à chuva

□ MARGARIDA FONSECA

As invasões do mar fizeram desaparecer o antigo Mercado de Espinho, situado na parte poente da Rua 2, na altura Rua do Cruzeiro. Por volta de 1910, e a título provisório, foi transferido para o recinto fronteiro à capela de Santa Maria Maior. Em 1914, era construído o actual mercado diário.

Estamos em 1983. Ao que parece, e pelo que ouvimos da boca dos que lá vendem há muito tempo, poucas coisas melhoraram e as carências vão permanecendo. Mudam-se as Câmaras, mudam-se as vereações mas as necessidades continuam a dar que falar.

Joaquim Rola é talhante naquele mercado há 58 anos. Na sua memória, encontram-se «arquivadas» as várias fases que este mercado, no correr dos anos, foi conhecendo.

Após o desaparecimento do antigo mercado, «engolido» pelo mar, os talhantes abriram casas, estabelecendo-se. No entanto, quando em 1914 abriu o mercado municipal, tiveram que ir vender a sua carne para aquele local, pois eram proibidos os estabelecimentos fora do mercado.

Só eram comercialmente rentáveis as carnes de boi e vitela. A

de porco não aparecia «pendurada nos espetos» dos talhos, pois na altura era vulgar a criação de suínos em casa.

A Câmara tinha a incumbência de aumentar os preços e os talhantes, cada vez mais amiudadamente, «revindicavam» preços mais altos. Tentando remediar esta situação, o Município de então decidiu instalar um talho regulador.

«Foi sol de pouca dura, pois passado pouco tempo fechava» — comenta Joaquim Rola.

Ainda não satisfeita, a Câmara abriu, dentro do mercado, o chamado «Talho da Lavoura» mas, pelos vistos, apesar de possuir um frigorífico — luxo na época — faliria, irremediavelmente.

Podia-se entrar por quatro portões, voltados para os pontos cardeais e os talhos ocupavam os cantos laterais.

Hoje, apenas dois desses portões dão passagem a vendedores e compradores e são já onze os talhos existentes.

Joaquim Rola fala, também, um pouco de si. Começando a trabalhar com apenas onze anos

de idade, seguiu as pegadas de seu pai, «pioneiro» no negócio. Os seus 68 anos de idade fazem-no ter uma ideia clara do que é urgentemente preciso fazer para melhorar este mercado.

«Uma cobertura total do mercado é muito necessária. Mas para isso, ter-se-ia que subir mais um andar porque, caso contrário, morreríamos asfixiados». — diz, com ar de quem sabe o que afirma.

E lá fica, com os seus cabelos grisalhos e um sorriso jovem atendendo os clientes, com gestos maquinais de 58 anos de experiência.

«HIGIENE HÁ, MAS...»

«Pouca coisa foi melhorada ao longo dos 38 anos que aqui vendo. Higiene há mas... o que faz muita falta é uma cobertura total do mercado. Para além de dar melhor aspecto, as

peças não se molhavam e ficava muito melhor» — quem faz esta afirmação é a mais antiga vendedeira de fruta do mercado, Maria Irene de Oliveira Ferreira.

Um talhante diria, a propósito, que as entidades não se lembram que este mercado é um «cartão de visitas» para os turistas. Continuando, afirmaria que o regulamento dita artigos inconcebíveis.

«Não posso compreender que sejamos abrangidos pelo regulamento comercial de rendas, podendo ser aumentados em 17 por cento. Todavia, não podemos trespassar as nossas lojas, tendo apenas duas alternativas no caso de querermos deixá-las: ou entregamo-las à Câmara ou ficam familiares com elas.» — diria, com um abanar de cabeça discordante.

A PREFERÊNCIA DOS PASSEIOS

O fiscal municipal do mercado deve orientar, dirigir e fiscalizar o serviço; ter em dia e ordem as fichas ou livros de registos de ocupações e o ficheiro cadastral dos ocupantes; e levantar autos. São estas as funções do actual «fiel» do mercado, Manuel António Ribeiro, mais conhecido por Ribeirinho, por haver jogado futebol no Sp. de Espinho.

Também ele concorda com a falta que faz uma cobertura total no mercado, embora pense que não será assim tão fácil de executar, pois são necessárias novas estruturas.

Falámos-lhe do problema das peixeiras ambulantes. É sabido que, ocupando os passeios, dão mau aspecto e provocam um cheiro insuportável, incomodando os «narizes» que por lá passam.

Ribeirinho explica: «Só a polícia as pode atuar, pois é da responsabilidade dela a permanência, ou não, de peixeiras ambulantes nos passeios. A Câmara ofereceu-lhes, gratuitamente, lojas dentro do mercado onde poderiam comercializar o seu peixe. Mas ao que parece, elas dão preferência aos passeios».

Comentaria, contudo, que a maior parte das vezes quem dá mau cheiro — atirando água suja para os passeios — e quem ocupa com caixotes a passagem, são as peixeiras que vendem, legalmente, nas lojas externas do mercado.

Ano de 1983. A poucos passos do ano 2000 e nesta cidade, que tanto quer progredir, resta-nos a consolação de ter um mercado já ultrapassado pelo tempo, onde poderemos fazer as compras.

Mudam-se os tempos mas o mercado continua... como em 1914.



A 17 anos de 2000, Espinho continua com um mercado diário como em 1914 (foto J. Martins)

ESPOSABELA

Casa especializada em artigos para Noivas, Acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã.

Rua 12, n.º 589 — Telefone, 724203 — ESPINHO

FERNANDO RODRIGUES LIMA

TRAVESSA DA RUA 5 — TRASEIRAS DA GARAGEM SOUSA — TELEF. 721739

Distribuidor dos papéis COLOWALL com nova colecção acabada de sair, VIMURA, PARÊTA, PARATI, etc. Grandes saldos em papel de parede. — Orçamentos grátis —

SUPERMERCADO DO LAR «DO PICOTO»

Agentes exclusivos dos LUSTRES CRISTALUZE e BRONZES SUPER DISTRIBUIDORES dos papéis: VYMURA, PARETA, MAY-FAIR, COSTA VERDE, MARBURG, COLOWALL, etc. Das alcatifas: PÉROLA, LÍDER, ROBILON, CARLON, LOTUS, TAITI, etc. CARPETES tipo oriental, electrodomésticos, louças, móveis, candeeiros, adornos, colchões, tapetes e tudo para o seu lar.

Sede: Est. Nac. 1 — Telef. 7643575 — PICOTO — FEIRA Filial: Rua 62 n.º 227/231 — Telef. 722986 — ESPINHO

J. NUNES DE MATOS

MÉDICO ESPECIALISTA RAIOS X — DIAGNÓSTICO

Especialista no Instituto Português de Oncologia. Ex-assistente da Faculdade de Medicina.

Consultório: Rua 20, n.º 1436-r/c-Dt.º — Telef. 721975

ANÍBAL SILVA MÉDICO — CLÍNICA GERAL

Interno Complementar da

CARREIRA MÉDICA DE CLÍNICA GERAL

Consult.: Av. 24, n.º 325 — R/C Dt.º — 4500 ESPINHO

Telef.: Consultório: 724272 Residência: 72390.

FONSECA

MODAS — TECIDOS

RUA 19, N.º 275 — Telefone 720413 — ESPINHO

Ano a ano a cidade no «DE»

1974 — «Terra jovem com todas as qualidades e defeitos da juventude. Cinquenta anos bastaram para definir a urbe. Quanto faltará para se afirmar uma cidade adulta?»

1975 — «Dois anos depois dos foguetes, dos coloridos papelinhos, dos discursos embargados de emoção e reconhecimento, a quem tanto fez por Espinho, o que fizemos nós por Espinho?»

1976 — «Não se falou da efeméride».

1977 — «Não nos cansamos de bradar às altas esferas solução para as carências porque enferma a nossa cidade, mas lamentamos que nos brados não encontrem atitudes que os atendam».

1978 — «Naquele dia de 73 prometeram-se mundos e fundos para resolução dos então aflitivos de que Espinho enfermava. Veio a revolução passaram 10 meses e com ela a estagnação de uns problemas e o aparecimento de outros».

1979 — «... É atribuído à Câmara Municipal de Espinho e a todos os organismos oficiais que, directa ou indirectamente, tenham contribuído para este adormecimento, estagnação e não desenvolvimento da cidade, um voto de desaprovação e de desconfiança pela sua actuação».

1980 — «Queremos uma cidade melhor. Como o pai que procura o melhor futuro para o filho».

1981 — «Ser cidade implica progresso e Espinho tem muito para onde se estender».

1982 — «O pomposo título não atrelou a evolução desejável».

Uma le

A areia tanto mar...
nheiras de ur...
pédo de pas...
vam alegrias...
sentia-se de...
curso, nem r...
tempo pass...
julgara ser c...
Mas...
faziamtoar...
aquela areia...
sozinha. Tinha...
ninguém para...
construíam ca...
tão distante.
E de algu...
cabanas foram...
refeições che...
Estava tudo tã...
Uma noite...
e julgou-a infe...
rava intrusos...
decidiu destr...
areia. Assim, f...
chuva forte, ga...
portas, pelas c...
rava e suplicav...
lenho. Ninguém...
nos de ódio e...
Pela manh...
truída em honr...
fortes ferment...
novo e de fer...
mar, levantar...
janas de barro.



10 anos de cidade datas para a sua história

23 de Maio de 1899 — É decretada a freguesia de Espinho, desanexada da de Anta. Na sequência, uma carta de lei cria o concelho de Agosto (a 17 de Agosto do mesmo ano) e, em 1926, passam para a jurisdição de Espinho algumas freguesias limítrofes, pois até então o concelho era constituído somente pela freguesia-sede. Sobem-se, assim, os primeiros degraus da escada...

1932 — Nasce um jornal denominado «Defesa de Espinho». Pouco tempo depois, o seu fundador, Benjamim Dias, defende a elevação de Espinho a cidade. Esta reivindicação, repete-a Benjamim Dias até à sua morte. Morte

que ocorre escassos meses antes da consumação do seu desejo. Mário Amaral escreverá mais tarde: «Como ele (Benjamim Dias) haveria de sentir-se feliz por ver Espinho elevada à categoria de cidade. Abençoada semente que ele lançou ao solo!».

Fala ao ministro Gonçalves Rapazote, que bem conhecia Espinho. Este comunica a Marcelo Caetano, o então primeiro-ministro. Moreira Baptista, um ministro de Espinho, dá uma ajuda.

4 de Abril de 1973 — É publicado, no «Diário do Governo», o decreto-lei 202/73, que cria a comarca de Espinho. Juntamente com o alargamento da área urbana a parte das freguesias de Anta e Silvalde, seria um passo de gigante para a elevação de Espinho a cidade. Sem isto, nada se consumaria.

2 de Junho — O nosso jornal cita «O Século» sobre «rumores» alusivos à possível criação da cidade.

12 de Junho — O Conselho de Ministros decide, enfim, elevar Espinho a cidade, juntamente com Almada e Póvoa de Varzim.

16 de Junho — O «Diário do Governo» dá à estampa a decisão governamental, no decreto-

1969 — Após reunião de trabalho na Câmara, o então governador civil, Valle Guimarães, percorre as ruas da vila. Acompanham-no os presidente e vice-presidente da Câmara, na altura Baião Nunes dos Santos e Manuel Violas, respectivamente. «Isto é mesmo uma cidade!», exclama, então, Valle Guimarães.

-lei 309/73. Esta data passa a ser feriado municipal.

23 de Junho — Espinho recebe o primeiro-ministro, para «agradecer-lhe o interesse que pessoalmente revelou pela concretização do anseio dos espinhenses».

Verão de 1970 — Num jantar em Espinho, depois de uma visita a algumas unidades fabris locais, o mesmo Valle Guimarães é um dos que mais fala na elevação a cidade. «Empurrado» pela sua convicção e apoio dos 200 convivas presentes, o governador leva o assunto ao Terreiro do Paço.

2 de Julho — Num ambiente de verdadeiro e alegre bairrismo, decorre um jantar no «Praia-golfe», assinalando a elevação a cidade. Nessa altura, são condecorados com a medalha de ouro da urbe os drs. César Moreira Baptista e Valle Guimarães.

Uma história de Espinho

Ciúme violento leva a destruição

A areia roliça e macia era deserto. Lá longe, tanto mar, tanto mar... As gaivotas voando eram as únicas companheiras de um lugar solitário, que, de vez em quando, era palco de passagem de pescadores. Falavam alto, contavam alegrias e amarguras e a areia roliça escutava mas sentia-se de novo só, sem pés de criança a pisar-lhe o dorso, nem risos de mulheres chapinando na água. Muito tempo passou e a areia ia envelhecendo, numa solidão que julgara ser castigo de deuses encoléricos.

Mas... oh! delícia das delícias. Alguns pescadores faziam entoar, no céu azul, marteladas. Isto queria dizer que aquela areia ia ter sobre si pessoas e nunca mais ia ficar sozinha. Tinha tanto medo de ficar rabugenta e caduca, sem ninguém para falar! Agora não. Era isso. Pescadores construíam cabanas para ali ficar, na praia, juntinho ao mar, tão distante.

E de alguns pescadores foram passando a muitos e as cabanas foram transformadas em lares de famílias, onde às refeições cheirava a comida e as crianças brincavam. Estava tudo tão bem e a areia morena sentia-se tão feliz.

Uma noite, o mar enfureceu-se. Sentiu ciúmes da areia e julgou-a infiel com os homens e mulheres que considerava intrusos. A sua revolta cresceu de tal maneira que decidiu destruir, magoar, matar os ladrões da sua amada areia. Assim, pela calada da madrugada e ajudado pela chuva forte, galgou tudo pela frente e entrou sem bater às portas, pelas casas dentro. A pobre areia, desolada, chorava e suplicava ao Deus Neptuno que travasse tal desalento. Ninguém a ouvia. O mar crescia, com olhos vermelhos de ódio e ciúme.

Pela manhã, o cenário era desolador. A capela construída em honra da Senhora da Ajuda estava magoada. Fortes ferimentos tinham tornado enfermo este local de oração e de fervor. E os homens não se resignaram. De novo e no mesmo sítio, ali, sobre a areia ferida pela fúria do mar, levantaram nova capela, pondo cravos brancos nas jarras de barro.

Passou-se algum tempo e o mar parecia arrependido daquele acto de malvezes. Os homens foram vendo as famílias crescendo e com forças renovadas construíam mais casas, mais lares. A praia tinha ficado maior, dando impressão de que o mar envergonhado decidira recuar para não ver o que havia feito.

O sol aqueceu, o céu estava azul e sem nuvens. Chegou o Verão. A praia ficou colorida com barracas azuis e senhoras de fatos de banho cheios de folhos e enfeites. As águas mansas do mar lambiam os pés, receosos, dos banhistas e os mais atrevidos davam mergulhos de «chapa» salpicando e fazendo dar risadinhas de «galinha» às meninas que se aproximavam. A areia estava tão contente, tão contente que até desmaiou de alegria.

Contudo, veio depois o Outono e a tristeza das folhas caídas. E o Inverno substituiu-o em Novembro, com frio e tanta chuva. Um dia, o mar pediu perdão à areia pelo que havia feito aos pescadores e disse que gostaria de casar com ela. A areia voltou-lhe a cara, afirmando, em tom de desprezo, não precisar do seu amor estúpido e violento.

«**Não sabes o que é amar**» — disse-lhe com ar de sabichona — «**Amar é sentir a alegria desta gente sobre nós, o sol aquecendo-nos e a sardinha a saltar, vivinha, o cantar rápido dos homens da lota, o discutir das vareiras e os seus praguejos. Mas tu, ó mar ridículo, não passas de um verbo de encher e de vaziar, que com os teus ciúmes, fizeste-me infeliz, porque vi tanta tristeza nos olhos dos pescadores que eu amo**».

O azul do mar fêz-se negro de ódio. Na sua mente um só pensamento crescia: matar a areia e os seus «amantes pescadores».

E durante anos destruiu, matou e arrastou tudo o que podia. A areia velhinha, com o tempo, foi engolida pela sua fúria ciumenta e os homens foram vencidos pelo seu furor.

E se hoje não se construisse uma defesa da praia em condições, talvez a pouca areia que resta, embora velha e cansada, não resistisse ao ciúme do mar e Espinho seria... tanto mar, tanto mar.

M. F.

LOLI-BIJU

A CASA DE MODAS
QUE FALTAVA EM ESPINHO!

CONFECÇÕES
PARA SENHORA E HOMEM
BIJUTARIAS

LOLI-BIJU

ONDE A QUALIDADE E O BOM GOSTO
NÃO CUSTAM MAIS CARO!

UMA AGRADÁVEL SURPRESA

RUA 19 N.º 230 — Telef. 723711

LEIA E DIVULGUE

«DEFESA
DE ESPINHO»

Percorrendo o alfabeto, os nossos redactores construíram, com pequenos nacos de prosa, um retrato diferente desta cidade de 10 anos.

Aqui florindo, ali inocentemente constatando realidades

comummente consentidas, acolá entrelinhando o dedo na ferida, juntaram-se as várias peças do em 3 mil e quinhentas palavras. Um trabalho de Jaime Gabriel de Jesus e Margarida Fonseca.

Retrato urbano

A cidade de A

A

ANTA - Freguesia parcialmente integrada na área da cidade. Beneficia com isso? - a questão que se põe e que serve igualmente para Silvalde. «Suponho, por o que me tem sido dado observar, que o facto da freguesia se encontrar parcialmente integrada na cidade lhe trouxe alguns benefícios, se se considerar que normalmente as zonas urbanas são sempre mais protegidas do que os melos rurais ou sub-urbanos, em muitos aspectos», diria o presidente da Junta de Anta, em entrevista recente ao nosso jornal. E Carmo Fernandes acrescentaria: «Observa-se o crescimento da cidade, que se está a verificar para a freguesia de Anta e, naturalmente, se tirará algumas conclusões quanto a benefícios ou prejuízos da citada integração».



B

«BOTICAS», RUA DAS - Como é conhecida a Rua 19, por nela se situarem três das cinco farmácias locais (não há muito tempo eram quatro de entre as cinco). A «Rua das Boticas» está para Espinho como Lisboa para o País. Para sermos mais claros, a Rua 19 é Espinho e o resto é paisagem... É ali que se situa o grosso das casas comerciais, onde certas montras concorrem com jornais de parede, tantos são os cartazes anunciando iniciativas diversas. A Rua 19 - e quando se fala na Rua 19, pensa-se apenas no troço entre as ruas 8 e 20 - é, em Espinho, a passagem obrigatória, a pé ou de carro; no Natal tem a melhor ornamentação; os passeios são os mais bem cuidados; os luminosos são mais bonitos; as «passadeiras» são pintadas mais vezes - tudo ali «cheira» a superburbo. Até a forma como se estaciona, perfeitamente «à balda», mesmo em duas filas, durante tempos intermináveis, não obstante a sinalização que limita a paragem a apenas uma hora...

C

CASINO - «Cimbalinhos», pano verde, bingo, «looks like» Las Vegas. E o outro lado: «boite», restaurante, etc. Um terceiro lado: galeria de arte, cinema. Uma comum constatação: magistrais, das portais, vénias, «como val o sr. doutor? E a esposa?» «... Obrigado!». Lados bons, maus, assim-assim. Como em tudo. Uma certa forma de Espinho ser, das 15 às 3. Mas a imagem comumente construída: o símbolo da vida nocturna espinhense e o cartaz turístico da cidade.

D

DAR À LÍNGUA - Ou «talha-casaca». Casado com o «crochet» num café da «baixa», sentado na esplanada no colo do epicentro, à varanda com a vizinha, que a do 5.º esquerdo não faz outra coisa senão ir ao cabeleireiro, pois, pois, também no cabeleireiro, onde há gente cidadina com costela de lavadeira de rio.

E

ESTRADAS DE ACESSO - Mázinhas, graças a Deus. Apenas algumas excepções: a nova estrada da Granja (para quem vem do Porto) mas que esbarra no «funil» da 109, e recém construída variante à EN 326 (para quem vem de Picoto). Da auto-estrada, não há acesso à mão. Da Vila da Feira e Aveiro, a gente parece calcorrear um carreiro de cabras de uma serraníssima aldeia. Mas calma, ó pessoal, que vem aí a variante à EN 109. Mas vem mesmo. Chega no comboio das 9...

F

FEIRA - Ovos, galinhas, couves, moscas varejeiras, carteiristas, policíias, ambulantes, engarramentos, bolos recheados de poeira, farturas, camisolas de 50 paus, chouriços, senhoras fantasiadas, palavrões, empurrões, ciganagem, miudagem, pedinchas, passeantes, tarados, atrasados, pinturas (imitações), «é p'ró menino e p'rá menina», vaidades, regateios, galanteios, ... e é só porque me está a faltar o fôlego! Ah! Não podemos esquecer que o «slogan» diz que é a maior feira do país».

G

GOLFE - Quase centenário, o Oporto Golf Club é «chama viva» do turismo espinhense. De grande extensão, composto por dezoito buracos, este campo de golfe foi, em tempos, considerado como o maior da Península Ibérica.

Mau-grado o caminho de ferro a atravessar o campo, os tirinhos da carreira, trata-se, sem dúvida, de um ponto de encontro de «amantes» deste desporto de todas as nacionalidades. Lembramos um nome que dignificou e continua a dar nome a este clube: José Granja. É uma amostra que o golfe espinhense também faz «vedetas» nacionais. E sempre consegue umas gorjetas para os «putos» do Bairro Piscatório que se prestam a carregar o saco com os tacos, aos desportistas. Enquanto estes pretendem meter o maior número de bolas nos buracos, os «putos» desejam meter o maior número de moedas possível nos bolsos...

H

HISTÓRIA - de Espinho. Há cerca de trezentos anos, instalam-se em Espinho pescadores vindos do Furadouro.

- 1800 - Existe já a Capela dos Galegos.
1983 - No seu lugar, foi construído um esporão de recuperação e defesa da praia, sendo o mar o «túmulo» desta capela.
1807 - Viviam em Espinho 125 casais.
1983 - São cerca de 32.000 os habitantes do concelho.
1870 - Os comboios paravam já em ESPINHO. Anteriormente faziam-no apenas em Esmoriz e Granja.
1983 - A velha estação pede «piedosamente» uma reformulação e umas instalações dignas de cidade.
1809 - Inaugurava-se a estação telegráfica.
1983 - O actual chefe dos CTT de Espinho sonha com uma estação maior e mais modernizada.
13.4.1981 - Um casal ofereceu um terreno para o cemitério.
1983 - Nem os mortos terão, amanhã, um lugar para repousar se este não é alargado.
1913 - A Câmara aprovou o descanso semanal aos domingos.
1983 - Até o comércio já quer ter o fim-de-semana completo para descansar.
1941 - Acabou a construção da capela de S. Pedro.
8/Agosto/1956 - Nascia a Escola Comercial e Industrial de Espinho.
1983 - Uns barracos clandestinos, acusados de alegados actos de prostituição, fazem «tremor», perante a inércia municipal, os pais e professores desta escola.
1957 - Criados os nadadores-salvadores.
1983 - Cada vez há mais dificuldades nos socorros a naufragos, em virtude de faltar o equipamento necessário e eficaz para o efeito.
16/Junho 1973 - Espinho é elevada à categoria de cidade...
1983 - ...mas continua a viver na «pele» de Vila: faltam-lhe infra-estruturas que a maioria das vilas já possui.
1/Outubro/1973 - Realiza-se o primeiro julgamento no Tribunal da Comarca.
1983 - A futura Casa da Justiça terá quatro Juízos dado o grande número de julgamentos que se verificam actualmente.

No concelho de Espinho

Indústria «versus» lavoura

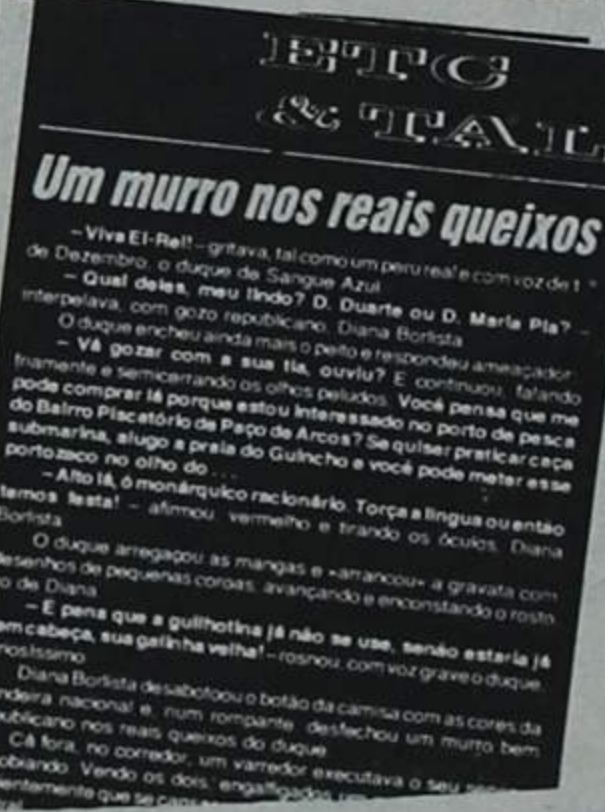
Khron e Valério: Terrorismo «New Look»

Cifrões matam o «Rei» futebol

O ser e o parecer no Largo José Salvador

IMPRENSA - «A cidade sempre teve bons jornalistas e os periódicos apostavam em excelentes colaboradores. Coincidência curiosa, tal e qual como no tempo presente. Fica-se a dever muito a esses paladinos (...) algo de muito útil que se tem feito na bonita cidade de Espinho.

Quem o diz é o «Jornal de Gaia».



J

JUSTIÇA, PALÁCIO DA - «Fica muito bem no terreno onde está a feira da fruta!» - afirmavam, peremptoriamente, uns. «Não, senhor! O melhor local é o terreno da Rua 23, onde se realizava a quermesse da paróquia!» - afirmavam outros. E houve até soluções disparatadas. Como esta: «Poderá ser na tourada».

E enquanto o disse-que-disse crescia, Espinho esperava (e espera) com a sua paciência de dez anos de cidade, que nascesse o Palácio da Justiça. Até a vila de Ovar já tem um e ainda não conseguiu ser «promovida»...

Bom, ficou decidido que será construído no quarteirão da «feira da fruta». Muito bem! - disse a população, suspirando. Mas... surge um problema: terá três ou quatro Juízos? Quem poderá decidir por perder o juízo é a população, que já bate o pé, impaciente perante tanta burocracia... e demora. Quem espera, desespera, não é?

L

LARANJEIRA, MANUEL - mas qual deles? O avô ou o neto? Porque tinham ambos o mesmo nome, eram ambos escritores e poetas e viveram os dois no Brasil. A diferença é que o avô fora médico e poeta, não. A diferença, ainda, é que este nasceu em Espinho e o outro, em Lisboa. Havia neles um sentimento comum - a paixão por esta «Defesa de Espinho» guarda nas suas páginas o pensamento de outro, em prosa e em verso. Como esta, que pertence ao neto: «Não limitem o meu pensamento! eu não aceito algemas! eu quero-me livre como o vento. / E, grandes ou pequenos, os poetas devem expressar um livre sentimento».

M

MAR - Foi este quem nos deu a mais importante praia do país e a segunda do litoral português. É daqui que vem o pão de muitos lares. Das suas ondas, quietas ou buliçosas, sai um belo, como pano de fundo de uma bela cidade. Mesmo fazendo invadindo áreas que não são suas, o mar de Espinho é coisa que consola ver e ouvir...

N

NOITE - Retiramos dum dicionário os sinónimos: «Estar no tempo em que o sol está abaixo do horizonte; escuridão; ignorância; tristeza». Há aqui situações paradoxais em relação a Espinho. O sol brilha quase sempre; logo, não há escuridão; trevas, não há tristeza. Até nisso, Espinho é diferente...

O

OXIGÉNIO - Ainda o temos q.b. O que não invalida que as verdes do perímetro urbano sejam escassíssimas. E uma grande perda se adivinha com a construção do palácio da Justiça. Mas, que nos vão compensar com um parque onde árvores não faltam longe do centro urbano. O objectivo é este: quando o oxigénio se ar no aglomerado, organizam-se excursões ao dito parque para encher os pulmões. Muitos aproveitarão para trazer oxigénio no saco, senão terão de andar num constante vai-e-vem...

P

PASSEAR - É uma coisa que apetece fazer aqui mesmo. Lançada para o turismo. Apetece fazer e faz-se. De manhã, ao domingo e à semana. Pelo centro da cidade, pelo interior, pela beira-mar.

Q

QUEZILIAS - Por tudo e por nada, se discute nesta santa terra. Se não por causa do rabo, é por causa das calças... E os espinhenses são o pão-nosso-de-cada-dia. Mas não é um mal que se perdia a cabeça e se partiam os queixos, por dá cá aquela perda de discussões que acabam, muitas vezes, com «remendos» de mercuro-cromo espalhados pelo corpo. Hoje, o futebol, o mexericos, a política e o dinheiro são o de discussões que acabam, muitas vezes, com «remendos» de mercuro-cromo espalhados pelo corpo. Todavia, o espinhense é boa gente, é alegre e simpático de vez em quando tem ataques de provincialismo agudo...

R

RUAS À NOVA IORQUE - Só falta uma Liza Minelli a cantar «New York, New York», para Espinho ser espelho vivo da Nova York americana. Apesar de muita constatação existir em torno do criado para a identificação das ruas espinhenses, o que é certo é poupa mais tempo. É mais fácil dizer-se Rua 1456 do que Rua Baptista Domingos Gomes da Silva Tavares Rio (ufi). Não discorramos, no entanto, que a designação de nomes das ruas da cidade, seria uma forma de homenagear pessoas que lutaram em prol de Espinho. Mas haverá nomes para as ruas todas?

nas palavras o «puzzle» urbano Alvaro Graça,

A a Z

S **SPORTING DE ESPINHO** — A grande decisão foi adiada para mais tarde. Vão ser mais alguns domingos de sofrimento. Depois se verá... No penúltimo domingo, os adeptos do clube sofreram muito. Com os ouvidos em Portimão e os olhos no campo da Avenida, eles, os amigos do Sporting de Espinho, só respiraram fundo quando o locutor anunciou a derrota do Marítimo e verificaram que o Estoril perdia. Mas, como dissemos, não houve lugar a euforias. Embora haja a esperança de uma boa presença na «Liguinha», não se pode esquecer que se trata de um jogo. E ao jogo, qualquer que ele seja, nunca se sabe à partida, quem vai ganhar ou quem vai perder. Para mais tratando-se de futebol...

T **TASCAS** — Há muitas, sim senhor. Talvez em demasia. São uma característica bem vincada desta terra. Nem todos dispõem de uma boa carteira para entrar em estabelecimentos mais finos e mais caros. Na tasca está a solução de muitos estômagos vazios de alimentos líquidos e sólidos. sobretudo dos primeiros...

U **UVAS** — Foi chão que deu uvas, ou está quase a deixar de dar. Falamos de pesca de arrasto, mais conhecida por «companha». Outrora, o mar era a razão de viver de Espinho. Aos menos abastados, dava-lhes «o pão de cada dia», isto é, o peixe «do nosso mar»; para os que tinham mais posses, servia para passar os tempos livres e tomar uns banhos. Era muito interessante assistir ao sair da rede e à entrada dos barcos; ouvir o «cantar» dos vareiros ao puxar a rede e ver o passo certo dos bois; o desenrolar arguto e rápido dos leiloeiros, na venda do peixe, deixando «baralhados» os que se encontravam «fora do esquema».

Hoje, apenas os mais velhos continuam a dar força a esta quase extinta tradição. Daqui a alguns anos, os mais novos só conhecerão este método de pesca através dos postais coloridos, que abundam para os turistas. Cada vez ficamos mais distantes do nosso «cordão umbilical»...

V **VOUGA** — «Úú... pouca-terra-pouca-terra...» e lançando um fumo azulado, lá vai apitando, tremendo, o comboio vermelho dos Caminhos de Ferro de Vale do Vouga.

Foi El-Rei D. Manuel II quem cortou a fita da inauguração destes caminhos de ferro, em 23 de Novembro de 1908. Setenta e cinco anos a ligar esta jovem cidade até Oliveira de Azeméis.

Em breve, o «Vouguinha» vai apagar as velinhas e os seus passageiros vão continuar a «tremar» ao sabor das curvas do caminho...



XI-XI — Já sabemos que o xi-xi xeira xoco aqui, xó que também xeira xoco em alguns xitos da cidade onde xinais como o da foto xeriam a xolução — J.G.J.

Z **ZONA DE TURISMO** — Via prala, casino, golfe, hotéis e outras coisas mais, Espinho é, especialmente nos dias de Verão, um formigueiro humano. Gente da periferia, emigrantes, turistas estrangeiros ou mesmo nacionais, todos conhecem os caminhos que vêm dar a Espinho. Todos contribuem para que continue vivo o rótulo de Rainha da Costa Verde, internacionalmente famoso desde o tempo em que a invasão era de beirões e espanhóis.

Jerónimo Reis fala de Espinho do futuro

«Plano Director Concelhio — a chave para muitos problemas»

Há 57 anos atrás, o então presidente da Câmara, dr. José de Oliveira Salvador, sonhou em transformar a vila de Espinho numa «gémea» da cidade americana, Nova Iorque.

Em 1973, Espinho subia a cidade e, dez anos depois, urge saber se tal sonho foi bom ou se acabou por se transformar em pesadelo. Carências e falta de infra-estruturas, que até já algumas vilas possuem, fazem parte do «curriculum vitae» da cidade. Falar na urbanização de hoje parece-nos ser um tema «batido» e o que está feito, está feito. Portanto, será actual ouvir opiniões sobre a urbanização do amanhã desta ainda cidade jovem.

«Seria um contra-senso limitar a urbanização de ontem para o Espinho de amanhã» — esta a opinião de Jerónimo Reis, arquitecto e filho deste concelho.

Há 50 anos a esta parte, os espinhenses consideravam o alinhamento de então «como uma colsa maravilhosa», afirma Jerónimo Reis, acrescentando:

«Hoje ela está «demodé» (desactualizada) pois o homem, com as máquinas e o desenvolvimento, não se compadece com cruzamentos de 50 em 50 metros. Para uma urbe como a nossa, eles deveriam existir de 200 em 200».

Para muitos, Nova Iorque é uma cidade de «sonho». O nosso entrevistado refere que ela está condenada pelo seu excesso de altura, pelo movimento exagerado nas ruas, onde, nas horas de ponta, não se consegue «mexer um palheiro».

«Cidade óptima será Brasília, onde existem zonas diferenciadas e não um aglomerado asfixiante» — disse.

Conservar cêrceas de há 30 anos atrás, não será uma atitude muito correcta. «Tem-se que compreender a marcha da vida e não se podem fazer fronteiras a uma terra como esta». Espinho seria uma cidadezinha «encantadora de província», se fosse possível manter prédios com apenas rés-do-chão e primeiro andar. Mas para Jerónimo Reis, a chama do progresso obriga-nos a continuar e a alterar cêrceas, embora num certo equilíbrio.

ZONAS VERDES E O EXEMPLO DE D. DINIS

«Cada quarteirão deveria comportar um só prédio e ser, obrigatoriamente, ladeado de zonas verdes» — argumenta Jerónimo Reis.

Diz também que os políticos de sempre, nunca se interessaram na criação de zonas verdes em urbes como a nossa.

«Só houve um homem que nos deu um exemplo notável: o rei D. Dinis. Para os seus companheiros, construir um pinhal numa zona litoral era uma colsa aberrante. Mas ele, com capacidade e engenho, mostrou ser possível».

Não serve de nada plantar uma árvore aqui ou acolá. «Isto não interessa nem ao Menino Je-

sus». Embora os municípios estejam a atravessar uma grave crise monetária, nos tempos que correm, é estritamente necessário criar novas zonas verdes e defender e valorizar as já existentes.

Surge então uma questão: o nosso concelho está «despido» de zonas verdes? Jerónimo Reis responde:

«Valha-nos o Parque João de Deus, aquele pulmãozinho... Agora, a Câmara decidiu construir o Tribunal na feirada da fruta. Pois bem, sel perfeitamente que lhe fica muito mais barato, embora a minha opinião não seja concordante com esta medida. Mas é mais uma zona verde que val desapeçar e que depois de extensificada e valorizada, seria um bom «pulmão» para Espinho. A Avenida 24 poderia fazer parte dessa zona e estava tudo bem».



Um plano director deve dar respostas permanentes aos municípios e aos seus anseios — declara Jerónimo Reis (foto J. Martins)

PLANO DIRECTOR A «VOZ» DA DISCIPLINA?

Para que Espinho venha a ser uma terra a valer, será necessário, e com urgência, um Plano Director Concelhio, «que ainda não temos», e o aprofundamento do Plano Urbanístico, já aprovado.

Duas opiniões de técnicos urbanísticos levam a duas situações:

— O Plano Director conduz a uma disciplina, porque sujeita a população, sem que esta seja consultada anteriormente;

— um plano parcelar, onde se «arruma», com certa dignidade, a urbanização. Este processo é, talvez, o mais imediato.

«Se me perguntassem como eu faria o Plano Director do concelho, responderia que criaria várias zonas industriais em todas as freguesias; desenvolveria zonas habitacionais limitadas por zonas verdes. Isto é uma colsa que ninguém quer fazer». E, pronunciando-se sobre a acção camarária nesse plano: «Sel que o nosso Município está empenhado em fazer o Plano Director. Aplaudo esta

atitude. Mas é preciso que a Repartição Técnica acompanhe esse plano, dando respostas permanentes aos municípios e aos seus anseios. O concelho tem que ser dividido em zonas rurais, habitacionais e industriais. Deve-se acabar com os «arruamentosinhos» porque senão isto torna-se num pavor».

ESTAÇÃO DA CP O «CANCRO» DA CIDADE

Tirar ou não o caminho-de-ferro do local onde se encontra — eis a questão. Jerónimo Reis afirma que, neste momento, isso não será viável. Em primeiro lugar, transferi-la para nascente seria correr o risco de, daqui a 50 anos, ela estar já desactualizada; depois «não é possível controlar-se uma empresa que não é controlável. A CP é um estado dentro do nosso Estado».

Dada esta circunstância, dever-se-ão criar novos processos de acesso à «baixa» de Espinho. «Não se pode continuar a impor à população tempos «infinitos» para atravessar a via ferroviária». A solução apontada pelo nosso entrevistado para este problema, será a criação de acessos aéreos ou subterrâneos em locais bem situados.

A estação é o «cancro» da cidade e isto anda na boca de toda a gente. O melhor local para a sua situação deveria ser, segundo o arquitecto, junto ao Campo da Avenida, ou nos quarteirões circundantes.

RUA 2 MAL APROVEITADA

Apesar de o plano de urbanização se encontrar razoavelmente definido, a zona junto à beira-mar (Rua 2) não foi ainda estudada.

«Penso que isso já devia ter-se verificado porque um estudo feito com «pés e cabeça» àquela zona seria algo maravilhoso» — diz Jerónimo Reis.

«Há quarteirões Intelros que se têm que demolir pois é um descalabro ver-se casas de 4 ou 5 metros de largura. Quem quisesse construir «barraquinhas» fazia-o num sector que a Câmara criasse, nascendo assim uma troca muito benéfica para Espinho».

Muitas outras zonas estão ainda esquecidas. Um exemplo: os quarteirões junto ao Cine-S. Pedro.

«Fazer uma colsa capaz é difícil. Não há câmara que se meta nisso. No meu tempo de Câmara, ainda se fez alguma colsa porque, se por acaso se

necessitava de dinheiro, ia-se buscá-lo a Lisboa. É certo que dependia muito do dinamismo das pessoas que dirigiam os concelhos».

CIDADE: NA ALTURA OU AGORA?

Crescendo a olhos vistos, o nosso concelho luta com dificuldades que muitas dores de cabeça dão aos autarcas. Portanto, não será errado perguntar se se deveria ter aguardado mais algum tempo para que Espinho fosse cidade.

Para Jerónimo Reis, ser cidade é ter mais compromissos e mais responsabilidades. As pessoas devem ter valores morais que as levem a comportar-se como cidadãos. «Não são precisos salários como, por exemplo, vem acontecendo em Vizela. Espinho subiu a cidade com disciplina, sem alaridos».

No entanto, foram necessárias estruturas para que o governo de então declarasse a vila de Espinho como cidade.

«Colocarem-se as coisas nos seus devidos lugares, enviar um requerimento aos governantes e sentarmos de braços cruzados, não serve de nada. É preciso dar-se voltas, pedir aos «senhores» que superintendem essas coisas para pensarem em nós».

POPULAÇÃO ACUSA

Num inquérito de rua realizado pelo nosso jornal, verificámos que a população de Espinho, apesar de mostrar orgulho vivo na sua cidade, não está completamente satisfeita com as suas infra-estruturas.

Um hospital que não satisfaz as necessidades concelhias, um Tribunal velho e caduco à espera da construção de outro mais modernizado, que já foi aprovado, e a não existência de uma central de camionagem, levam as pessoas a acusarem os autarcas de «andar em passo de caracol».

Jerónimo Reis, como cidadão, comentou estas opiniões.

«Está já a ser feito um alargamento do Hospital, a Casa da Justiça existirá, mais dia menos dia, e o que falta realmente é a central de camionagem, que é preciso criar. Bem sel que muitas vezes é necessário agir rapidamente e com eficácia. Mas os homens fazem o que podem e se se quiser, aos poucos, tudo se consegue. É preciso é amar esta terra e pensar nela, para compreender e agir».

M.F.

SOCURAL
SOCIIDADE DE CONSTRUÇÕES E URBANIZAÇÕES, LDA.
TELEFONE, 721602 — ESPINHO

Construção de apartamentos em Propriedade Horizontal
Compra e venda de terrenos

Ronda pelas colectividades

Grupo de Estudos do Universo

Falta de meios monetários impede «altos voos»

□ MÁRIO CÁLIX / JORGE MAIA

Formado em 15 de Maio de 1975, com três elementos, o Grupo de Estudos do Universo (GEU) é a única associação neste tipo, legalizada em Portugal. Aquando da sua formação, não se idealizava o grupo tal como é hoje, pretendendo-se somente a reunião de alguns amigos para discutirem temas relacionados com o Universo. Começando a correr cidades do país, os elementos do grupo, assistindo a colóquios, obtiveram, assim, a experiência necessária para que, passado um ano e meio, organizassem um colóquio de astronomia e ovniologia com a colaboração de um agrupamento ligado às questões sobre os objectos voadores não identificados. «No entanto, por motivos ligados à honestidade dos organismos que estudam o fenómeno OVNI, o grupo afastou-se deste tema, iniciando-se a tratar apenas a astronomia e temas relativos a esta ciência», disseram-nos alguns elementos do GEU, numa entrevista concedida ao nosso semanário. O grupo continuou, então, realizando as primeiras Semanas Astronómicas de Espinho, a primeira em 1980 e a seguinte em 1981, não se realizando esta iniciativa no ano transacto pela falta de verbas. Um dos pontos mais importantes da ainda curta mas frutificada carreira do grupo, foi a visita de um cosmonauta soviético no ano de 1982. Nesse mesmo ano, participaram em Lisboa numa exposição que obteve um grande sucesso, sendo a partir dessa data que iniciaram contactos com todo o país, integrando-se em exposições. Carlos Alberto Lopes — presidente da direcção; Fernando Sousa — vice-presidente da direcção; e José Pardilhó —

presidente da Assembleia, enunciaram-nos os objectivos do grupo: «A divulgação da ciência e a sua investigação e estudo. Quanto ao balanço da actividade que até agora produzimos, é bastante positivo no que se refere ao nosso primeiro objectivo. Acerca do segundo, os parcos meios financeiros de que o grupo dispõe não permitem alcançá-lo inteiramente, mas disso falaremos adiante».



«Nunca atingiremos a meta que pretendemos, principalmente devido aos já citados meios financeiros» — prosseguiram. No que respeita aos apoios que recebem, «da parte do público, o apoio não tem faltado, embora tenhamos um pequeno «senão», que aconteceu na II Semana Astronómica, em que, disparadamente, nos confundiram com forças partidárias; acerca dos subsídios, propriamente ditos, referiremos os da nossa próxima Semana de Astronomia que se realizará de 14 a 21 e Agosto: pela primeira vez não temos grandes contrariedades já que recebemos um determinado número de verbas que, não obstante serem insuficientes, já auxiliam bastante. É o caso da Solverde, que forne-

ceu um generoso apoio, da Gulbenkian, da Associação Comercial de Espinho e do FAOJ (Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis), a quem estamos muito agradecidos. À parte estes apoios, existem também os de organismos científicos, que nos apolam culturalmente. Gostaríamos de frisar a questão da Câmara, que até agora nos tem apoiado com alguns subsídios e concedido algum material, mas que para esta nossa próxima realização ainda não nos forneceu qualquer apoio, pelo menos até esta altura». Acrescentaram ainda: «Este facto coloca-nos em e que» pois para uma entidade que será a responsável máxima pelo nosso concelho, isto é extremamente lamentável, já que contamos precisamos urgentemente do seu apoio».

O GEU está dividido em três secções: a cosmobiológica, que trata dos problemas relacionados com o homem no espaço; a secção de astronáutica e ainda o «motor» do grupo, que é a secção de astronomia. De salientar os numerosos contactos com entidades de todo o mundo. É o caso da National Aerospace Administration (NASA) da National Space Development Agency of Japan e ainda com a Liga Ibero-Americana de Astrónomos, que tem a sede no Brasil.

Como é por demais sabido, o GEU vai realizar mais uma Semana de Astronomia em Espinho. Quisemos saber os primeiros pormenores desta iniciativa. Ei-los:

«Esta nossa iniciativa decorrerá mais ou menos nos moldes das anteriores, trazendo uma grande série de inovações. É o caso das conferên-

cias sobre o aproveitamento de energias alternativas e a presença de importantes entidades ligadas a temas científicos. O conhecido Eurico da Fonseca, um cientista norte-americano de renome internacional e uma terceira pessoa de quem não poderemos, ainda, revelar pormenores porquanto a sua vinda não está assegurada, serão alguns dos presentes, além de elementos de observatórios e planetário da Gulbenkian. A nível de exposição, teremos o aparecimento, pela primeira vez no país de duas novidades: uma colecção completa dos tipos de instrumentos que são comercializados actualmente, o que era uma lacuna nas realizações anteriores, e ainda uma exposição de fotografia da actividade espacial do Japão. Resta referir que as sessões serão gratuitas, realizando-se na piscina «Solário Atlântico». Esperamos que o público acorra em grande número, já que em outras cidades a participação é muito maior do que a registada em Espinho.

REVISTA CIENTÍFICA, RECEPÇÃO AO COMETA HALLEY E A COMPRA DE UM TELESCÓPIO — ASPIRAÇÕES DO GRUPO

O GEU está a levar a cabo uma campanha de aquisição de novos elementos, apesar do seu maior problema ser a inexistência de uma sede e, por isso, serem obrigados a restringir a entrada de novos elementos. O associado paga apenas 20 escudos mensais, «o que não dá nem para pagar os selos». Não somos como outros tipos de colecti-

vidades, como por exemplo os ranchos, que ganham dinheiro com o seu trabalho, mas, além de termos muitas e vultosas despesas, o nosso trabalho é gratuito. Apesar de os associados apenas pagarem esta quantia, fazemos muito em relação a outros grupos, como, por exemplo, um formado numa localidade próxima do Porto, em que as quotas eram de mil escudos mensais e que passados alguns meses estavam dissolvidos. Nós temos dois tipos de membros: os investigadores e os auxiliares».

Um livro publicado pelo GEU (cerca de mil exemplares) teve a saída de trezentos exemplares, sendo duzentos oferecidos.

A causa deste insucesso nas vendas do livro «é devido a que ele carece da espectacularidade característica dos livros especializados», mas se não a não tem, isso advém da falta de recursos do grupo. No entanto, e apesar dessa lacuna, o livro tem sido bastante elogiado por profissionais da ciência que o consideram muito acessível. «Mas as pessoas para quem o livro é destinado, ou seja as que pouco ou nada conhecem de astronomia, consideram o livro como inútil. O «SPUTNIK», nome dado em honra ao primeiro satélite lançado para o espaço, custava, ou melhor custa 50 escudos e ainda se encontra à venda nas livrarias». Para finalizarmos a nossa conversa indagámos do grupo sobre as suas aspirações, ao que nos responderam:

«Aspirações e projectos não faltam, mas o dinheiro, esse, sim. Para o ano somos capazes de não realizar a «Semana Astronómica» devido, mais uma vez, aos meios monetários que

nos impedem de trabalhar em mais de um projecto, e para o ano será a aquisição de um telescópio, o que irá mexer muito nas finanças do grupo.

Pois se tivermos em consideração que o grupo tem uma média de 60.000\$00 em subsídios e o telescópio custa, sem contarmos com a inflação e a permanente desvalorização do escudo, duzentos contos. Até este momento estívimos virados, principalmente, para a divulgação, porque não temos a aparelhagem necessária para a pesquisa. O telescópio será o primeiro passo em frente para o nosso segundo objectivo. É lógico que nunca deixaremos de fazer a divulgação; o que talvez aconteça é fazermos essa divulgação por outros métodos. Uma outra aspiração é a publicação de uma revista, ou jornal, de actualidades científicas, pois não existe nenhuma portuguesa.

«Um outro nosso projecto é a «recepção» ao cometa «Halley», que aparecerá aos olhos dos homens dentro de três anos. Este cometa, o maior conhecido pelo homem, será visível com melhor nitidez no hemisfério sul. No entanto, também o poderemos observar de cá (hemisfério norte).

Para finalizar, gostávamos de apelar para a população de Espinho e seus órgãos, tanto públicos como privados, para nos ajudarem a ser melhores e a honrar a cidade de Espinho, engrandecendo-a cientificamente».

Este, o símbolo do Grupo de Estudos do Universo

EM ESPINHO

ATENÇÃO AOS EMIGRANTES

PRÓXIMO DA PRAIA esquina das ruas 3 e 16 virados a sul

Temos 2 apartamentos de 2 quartos e 2 de três, c/ garagem comum sem aumento de preços.

Facilidades de pagamento através do Crédito de Habitação.

Ver no local das 9 às 12 e das 14 às 18 horas

Falar M. Salgueiro — Apartado 80
4501 ESPINHO Codex
Telefs. 722174 e 722036

FÁBRICA DE ARTIGOS DE CELULÓIDE E PLÁSTICOS LUSO-CELULÓIDE

— DE —

HENRIQUES & IRMÃO, LDA.

APARTADO 22 — TELEFONE 722193

ESPINHO

JOAQUIM OVIHEIRA DA SILVA AGRADECIMENTO

Sua esposa, Mariana da Luz Oliveira, filha Belinha Ribeiro, seus netos José Carlos, Maria Elisabeth, Rui Sérgio, Franklim Paulo, Luís Filipe, Armando Custódio e bisneto Hugo Filipe, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas, que se dignaram assistir ao funeral do saudoso extinto, bem como àquelas que de qualquer outro modo os acompanharam neste doloroso transe e pedem desculpa por qualquer falta que involuntariamente tenham cometido.

D. CLEMENTINA PINTO LEITE D'ALCOBIA FALECIMENTO

Sua filha e família comunicam a todas as pessoas de sua amizade o seu falecimento no dia 16 de Maio passado e que no dia 16 de Junho será rezada, às 19 horas, uma missa pelo seu eterno descanso, na Igreja Matriz de Espinho.

Maria Amália Pinto Leite d'Alcobia e família

Subsídios para uma monografia da freguesia de Guetim

A história do Foot-ball Club

Nasceu o Foot-ball Club Guetim, algures entre o ano de 1923 e 24, por iniciativa de uns tantos rapazes da nossa freguesia e alguns amigos de fora, afeiçoados a este desporto. Começou por ser um grupo amador, no mais puro estilo, chegando posteriormente a estar filiado, primeiro na Associação de Aveiro, e depois, na Liga do Porto.

Tal como ainda hoje sucede com muitos clubes, enquanto o grupo não foi filiado, os diferentes jogos realizados eram-no através de torneios amigáveis, quer entre equipas compostas, a grande maioria das vezes, por clientes das diferentes barbearias e lojas de Guetim, quer entre grupos de diferentes freguesias à volta, nomeadamente com o Império, de Anta, o Cruz de Cristo, dos Carvalhos, o actual Lourosa, etc. Nestes torneios, e na grande maioria das vezes, disputava-se um único prémio — um carneiro! —, carneiro que tinha a honra de assistir ao jogo final do torneio, pastando sossegadamente na erva dos bordos laterais do campo, aguardando que uma das equipas o levasse para a grande taina, comemorativa da vitória!

Faziam parte da primeira direcção do clube os seguintes senhores: presidente, Joaquim Moreira da Costa (Moreira); secretários, Alfredo Rodrigues de Sá (Alfredo da Brasileira) e António Rodrigues de Sousa (António da Couta); vogais, Belmiro Téco, José Gomes da Silva (Zé Téco), José Moreira da Costa (Zé Moreira) e António do Moinho.

saída. A equipa adversária, neste jogo inaugural, foi o Paços de Brandão.

Também como a fotografia documenta, se sabe que o primeiro equipamento era composto por calção preto e camisola branca.

O Foot-ball Club Guetim possuía, desde os primórdios, uma bandeira/estandarte que foi feita de encomenda nos Carvalhos, com as cores azul e encarnada.

Equipa «DE»

- AMARO RODRIGUES
- ANTÓNIO PEREIRA
- JAIME GABRIEL DE JESUS
- JORGE PEREIRA
- JOSÉ MARTINS
- MANUEL PINTO RODRIGUES

Após a filiação na Associação de Aveiro, houve a necessidade de o clube afinar o seu plantel. A composição passou, então, a ser a seguinte: Adão Quintas (Espinho), Ilídio da Alta (Anta), Joaquim Rodrigues Ferreira, António Rodrigues de Sousa, Arlindo da Maria (Tabuaça), Américo da Maria (Tabuaça), Augusto Ramos, Claudino da Mateira (Anta), António Areias (Tabuaça) e Sebastião Areias (Tabuaça).

(Cantado a duas vozes:)

Jogador velho — com serenidade e apreensão

Jogador novo — com vigor e denotando entusiasmo

V. — Quando eu fui jogador de Guetim; da nossa terra Agora estou velho e cansado Mas paixão tenho bastante

N. — Oh! meu velho, não desanimas

Que a rapaziada forte Quase nunca tem azar! São sempre fortes, com valentia Estão sempre todos fixos Para defender teu lugar!

GRUPO DESPORTIVO «A RONDA»

Por iniciativa de um grupo dos nossos rapazes de mesma criação, nasceu em Agosto de 1975, a denominada «Ronda», que posteriormente se veio a transformar em Grupo Desportivo «A Ronda».

Tudo começou com umas dispersas noites de atletismo em que participava António Correia de Oliveira (Tono Gandaia), Alexandre Correia de Oliveira (Alexandre Gandaia), Alfredo Domingues da Rocha (Alfredo da Couta), José Fernando de Sousa Rodrigues (Zé Nando), António Oliveira Maia (Tono Maia), Quintino Alves Ferreira (Quintino das Moleiras), Manuel Joaquim de Sousa (Missora), Custódio Malta (Idanha) e José Adelino da Rocha Nunes (Zé Adelino). Depois vieram os jogos de futebol entre solteiros (os sem mama, ainda) contra os casados (os de mama, já). É de um desses convívios a foto anexa. Por repetição de onde a onde, estes jogos acabaram por canalizar a rapaziada já mencionada (mais outra, chamada a dar os «quatro chutos», nessas alturas) em volta, fundamentalmente, da prática do futebol, dando-se assim início ao actual Grupo Desportivo «A Ronda» que de pronto entrou rijo nas lides do futebol amador cá pelas redondezas, participando em diferentes torneios, sempre que para isso lhe era/é endereçado o respectivo convite.

Este passar dos jogos «solteiros» contra «casados» para a prática de um futebol mais sério, em torneios organizados por clubes de fora não se fez, porém, sem lesa majestade! E não se fez porque, se qualquer «permeta» serve para dar quatro chutos num jogo amigável, não serve, de modo algum, para participar em jogos competitivos como é o caso dos torneios em que mesmo jogando-se «a feijões» ninguém quer ser dos últimos da tabela classificativa. Houve, então, necessidade de desfigurar ligeiramente a finalidade para que foi criada «A Ronda» (convívio unicamente entre um grupo restrito) e, para isso, tiveram que ser «arrumados» todos os «permetas» e «permetões», pelo que temporariamente houve amuos. Amuos esses que foram breves, já que desde o dia em que se operou a mudança, têm as sucessivas direcções da «Ronda» promovido, a espaços regulares, esses frenéticos jogos-convívios entre «solteiros» contra «casados», onde todos os menos aptos podem demonstrar as suas aptidões corredoiras atrás do esférico. Ademais, a anual jantarda em que participam jogadores, sócios e demais malta amiga, acaba com toda a possível malquerença do ano que passa e dá vivas forças de compreensão para o ano que entra.

Com a cessação da ligação à Associação de Aveiro, o clube filiou-se de imediato na Liga do Porto uma vez que aí as despesas com as deslocações eram mais suaves.

Daqui para a frente, e durante a posterior vida do clube, muita volta tem o mesmo dado! Muitas vezes foi desfeito e outras tantas ressuscitado, depois de longos períodos de letargia.

Para finalizar este apontamento, entendemos deixar gravado parte do hino ao grupo de futebol, que viu a luz do dia na opereta «Guetim à vista». É especialmente para aqueles que têm saudades de um clube de futebol em Guetim, forte e ordeiro!

O futebol do passado e do presente em Guetim, são vistos neste trabalho de Amaro Rodrigues para a série «Subsídios para uma monografia da freguesia de Guetim». O passado distante está encarnado no Foot-ball Club Guetim e o passado próximo e presente no Grupo Desportivo «A Ronda».

ros um penico velho espetado em pau (!) e um ramo de flores, tendo os solteiros feito, por sua vez, oferta aos casados dumhas vistosas caixinhas...

A formação das equipas, como a foto documenta (ou não estivesse presente a RTP... —lado direito— pela mestria do talentoso Manuel Hermínio), foi a seguinte:

Raimundo de Castro Ferreira (Manel Raimundo), Luís Jorge Duarte (Jorge Retornado), José Guilherme de Pinho Maia (Zé Péga), Manuel Duarte (Manel Retornado) e José Maria (Zé Carago).

Casados (equipamento preto): Manuel da Rocha Pereira (Manel Cuco),

António Fernando Maia (Fernando Pacato), Joaquim Fernandes Mendes Camarinha (Quim Camarinha), Joaquim Rodrigues Amorim (Quim Amorim), Agostinho Mendes de Castro (Agostinho Malhão), António Soares Godinho (Tono Amendoeira), Manuel Joaquim Sousa (Neca Missora), José Augusto (Zé Augusto), Manuel Oliveira dos Santos (Manel Caljeiro) e Américo Pereira Reis (Américo Garnizé).

Vê-se ainda a espreitar entre o Alfredo da Couta e o Quim Teixeira o treinador-jogador da rapaziada, Miguel Moreira Duarte. De registar também a ausência neste jogo de Tono Maia, Quintino das Moleiras, Tono Neiva, Alcino Sá, Zeca Pinto (Idanha), Jorge Retornado, Ernesto Ramos, Tono Cuco, entre outros.

De acrescentar, em abono da verdade, que é o Grupo Desportivo «A Ronda» que tem vindo a manter, desde os seus primórdios, a aposta então feita: jogar para ganhar, sim, mas desportivamente, com disciplina.

E por tudo isto aqui relatado, estamos em crer que se o Tono Bicheira fosse vivo, empregaria, sempre que da «Ronda» ouvisse falar, a sua máxima: — A «Ronda» é de vida! ...



«A Ronda» no tempo em que os jogos entre solteiros e casados davam o ser à colectividade amadora

Solteiros (equipamentos às listas verticais vermelho/verde): José António Rodrigues Amorim (Toninho Amorim), Alfredo Domingues da Rocha (Alfredo da Couta), Joaquim eixeira da Cruz (Quim Teixeira), Alexandre Correia de Oliveira (Alexandre Gandaia), Manuel Mendes Gamarinha (Manel Camarinha), José Fernando de Sousa Rodrigues (Zé Nando), António Correia de Oliveira (Tono Gandaia), José Adelino da Rocha Nunes (Zé Adelino), Manuel



3



A equipa do Foot-ball Club Guetim, aquando da inauguração do seu segundo campo. Nesse jogo, os guetinhenses alinharam (da esquerda para a direita): António Moleiro (Idanha), Domingos Nogueira (Anta), António de Oliveira Rocha, Manuel Pereira, Monteiro (Idanha), Joaquim Oliveira Rocha, Augusto Ramos, Ângelo Oliveira Rocha, José Rodrigues dos Reis (Idanha), António Rodrigues de Sousa e Joaquim Rodrigues Ferreira.

Por seu turno, a composição de equipa era a seguinte: António de Oliveira Rocha, José Rodrigues dos Reis (Idanha), António Rodrigues de Sousa, Manuel Ramos, António Moleiro (Idanha), Claudino Mateiro (Anta), Joaquim de Oliveira Rocha, Ângelo de Oliveira Rocha e Sebastião Oliveira Braga.

Desde o início o Foot-ball Guetim teve campo próprio. O seu primeiro campo foi em terrenos englobados hoje na actual quinta do dr. Diamantino, na Igreja Velha, sendo transferido seguidamente para terrenos próximos da actual sede da Junta de Freguesia. Transitaria de novo para a quinta actualmente de José do sr. Alfredo e de seguida para os lagos, de parceria com o Águias de Grijó Futebol Clube.

A direcção começou por reunir na loja de Joaquim Moreira da Costa. Depois, o clube teve a sua primeira sede nos altos do prédio onde hoje é a residência do José do sr. Alfredo.

Através da foto junta — verdadeira reliquia da história do futebol entre nós —, feita na inauguração do segundo campo (em Fontelões) vê-se a então menina Aida Moreira de Sá, a quem coube a honra de dar o pontapé de

Comércio e Indústria locais marcam presença

«DE» em Guetim

Em Guetim, o «Defesa de Espinho» está à venda na Casa Godinho, Rua dos Combatentes.

AUTO — BRILHA AO SOL

PINTURA E BATE-CHAPAS

António Pinto da Costa

Rua da Igreja — GUETIM

— COLABORA COM O GOSTO DOS SEUS BONS CLIENTES

Telefone por chamada — 7220486

Um brasileiro à conquista do voleibol espinhense

«DE» ouviu o reforço dos «tigres»

□ NAPOLEÃO GUERRA

Francisco António Camacho, brasileiro do Rio, 26 anos de idade completados em Portugal e em Espinho no dia 18 do pretérito mês de Maio.

Não é actor da «Globo», personagem de telenovela. Mas nem por isso deixa de irradiar aquela simpatia e comunicabilidade, comuns à grande maioria dos seus compatriotas.

Este carioca de ascendência heterogénea onde existe também remotamente a portuguesa, como nos disse, veio parar a Espinho por força da necessidade que o Sporting local sentiu em reforçar a sua equipa principal de voleibol, no intuito louvável de lhe conferir um maior grau de competitividade.

Há muito nos havíamos proposto ouvir o «Xico», como é já tratado carinhosamente pelas gentes mais de perto ligadas ao voleibol dos tigres. A oportunidade surgiu no Pavilhão Joaquim Moreira da Costa Júnior antes de mais uma sessão de treino. E o «Xico» prontá e simpaticamente se colocou à nossa disposição.

Do nosso agradável «bate-papo» resultou senão o retrato a corpo inteiro, pelo menos um esboço dum cidadão brasileiro que como adiante se constatará, se confessa já rendido a Espinho e às suas gentes.

D.E. — Qual a sua profissão no Brasil?

F.C. — Era industrial. (Explicou-nos que industrial no Brasil é todo aquele que desempenha funções numa indústria. As dele eram as de funcionário administrativo. Aqui fica para os curiosos da linguística brasileira mais um termo que, pelo menos eu, ainda não tinha «topado» em nenhuma telenovela da banda «di lá», da «Gabriela» à «Cabo-cla»).

D.E. — Tem alguma ascendência portuguesa?

F.C. — Sim. Tenho família portuguesa. Mas o marido de uma irmã de minha mãe, por sinal até tem família aqui em Espinho. Creio que os meus ascendentes portugueses são aqui do norte. A minha família é de ascendência portuguesa, espanhola, italiana e alemã.

D.E. — Como aconteceu vir para o S.C. Espinho?

F.C. — O Senhor Teófilo viu-me jogar no Rio, num torneio de enorme promoção do Jornal «Globo». Falou comigo, disse-me que tinha gostado de me ver jogar e que o S.C. Espinho estava interessado em alguém que quisesse vir para cá ajudar a sua equipa. Ai eu falei com minha

esposa e resolvi vir, na expectativa até de gostar e de arranjar um emprego que me possibilitasse fixar-me cá.

D.E. — Que clubes do Brasil representou?

F.C. — Associação Atlética Banco do Brasil, Fluminense e ultimamente equipa do meu trabalho, Fornos e Centrais Eléctricas.

D.E. — Fez parte de alguma selecção do Brasil?

F.C. — Fiz parte da selecção Carioca, ou seja selecção estadual do Rio de Janeiro.

D.E. — Foi protagonista de algum êxito significativo no seu País?

F.C. — Ganhei vários campeonatos cariocas. No campeonato brasileiro fui terceiro classificado por clubes e também terceiro por seleções.

D.E. — Qual a posição que ocupa na equipa?

F.C. — Sou rematador.

D.E. — Foi fácil a sua integração na equipa do S.C.E.?

F.C. — Sim foi. Eu fui bem aceite aqui. O pessoal aceitou-me bem e graças a Deus todos se deram bem comigo e eu com eles. Eu tinha o receio de chegar aqui e enfim, poder ser considerado um estranho, mas tive realmente um acolhimento extraordinário. Todo mundo me leva. Um fim-de-semana vou comer a casa deste, noutro a casa daquele, o pessoal tem sido de facto extraordinário.

D.E. — Qual o seu juízo de valor sobre a equipa do S.C.E.?

F.C. — Eu acho que se a equipa trabalhasse mais a sério seria muito melhor. Penso que se trata da equipa mais homogénea do campeonato nacional. É quanto a mim, sinceramente, o team mais equilibrado quanto a valores individuais. Mas a equipa por vezes falha, não só como conjunto, mas individualmente, como por exemplo no jogo com o Leixões em Oleiros a que o senhor assistiu. Ai todo o mundo falhou individualmente e por consequência falhou igualmente a equipa colectivamente. Mas continuo a afirmar que acho que temos a equipa mais homogénea. Por exemplo, o Leixões tem três bons jogadores, um deles excepcional, o Humberto. Os outros são já um pouco abaixo daqueles. A nossa equipa tem excelentes valores e todos mais ou menos do mesmo nível. Acontece é que é capaz do melhor e do pior, como por exemplo contra o Leixões no tal encontro de Oleiros e com o Benfica em Lisboa, em que estivemos francamente muito mal. Não dá nem para entender.

D.E. — Acha então que a equipa poderia ter ido mais longe?

F.C. — Acho sinceramente que poderíamos ter sido campeões nacionais.

D.E. — Em sua opinião por que não aconteceu isso?

F.C. — Francamente não sei. Estou aqui há pouco tempo e não me foi possível ainda fazer uma análise consciente. Até eu oscilei no início. Agora já estou engrenando, mas também tive altos e baixos. Portanto ainda é cedo para eu poder chegar a uma conclusão sobre os motivos dos colapsos da equipa. Mas quero dizer que por exemplo em Lisboa com o Benfica a equipa caiu mais por força dos erros de uma arbitragem que nos prejudicou do princípio ao fim da partida. O team ficou completamente perdido, desorientado.

D.E. — Que acha que deveria mudar no voleibol do S.C.E. para que a equipa atinja o rendimento consentâneo com o valor dos seus elementos?

F.C. — Creio que será necessário trabalhar mais. Trabalhar a semana inteira se possível e com vontade.

D.E. — Qual o nível do voleibol português em sua opinião e por aquilo que já lhe foi dado ver?

F.C. — Eu só posso falar a nível de seniores. Já joguei com as principais equipas portuguesas e penso que os seus melhores jogadores poderiam formar uma boa equipa. Agora é preciso é mais apoio. Não se entende que uma selecção se prepare para o apuramento para o Europeu e chegou a hora e não houve verba. Acho isso um escândalo. É realmente uma falta de apoio muito grande. Mas penso que o nível do vosso voleibol é razoável e com apoio poder-se-ia fazer um bom trabalho.

D.E. — Passando ao voleibol brasileiro, pergunto-lhe como conseguiu o seu País atingir um nível tão elevado no contexto mundial da modalidade?

F.C. — Com muito apoio material. Não só a nível de Governo como principalmente a nível de firmas, com publicidade. Há dois clubes no Brasil que são profissionais de voleibol, a Atlântica-Boavista e o da Pirelli. Os jogadores dessas equipas são mesmo profissionais. Mas os das restantes não. No entanto todos recebem o que lá chamamos ajudas de custo. A Atlântica é do Rio e a Pirelli de S. Paulo. Todo este apoio dado pelas firmas proporcionou uma evolução do voleibol muito grande, de tal modo que permitiu ao Brasil ser o segundo classificado no mundial, só perdendo para a União Soviética.

D.E. — Em que moldes está estruturado o voleibol brasileiro?

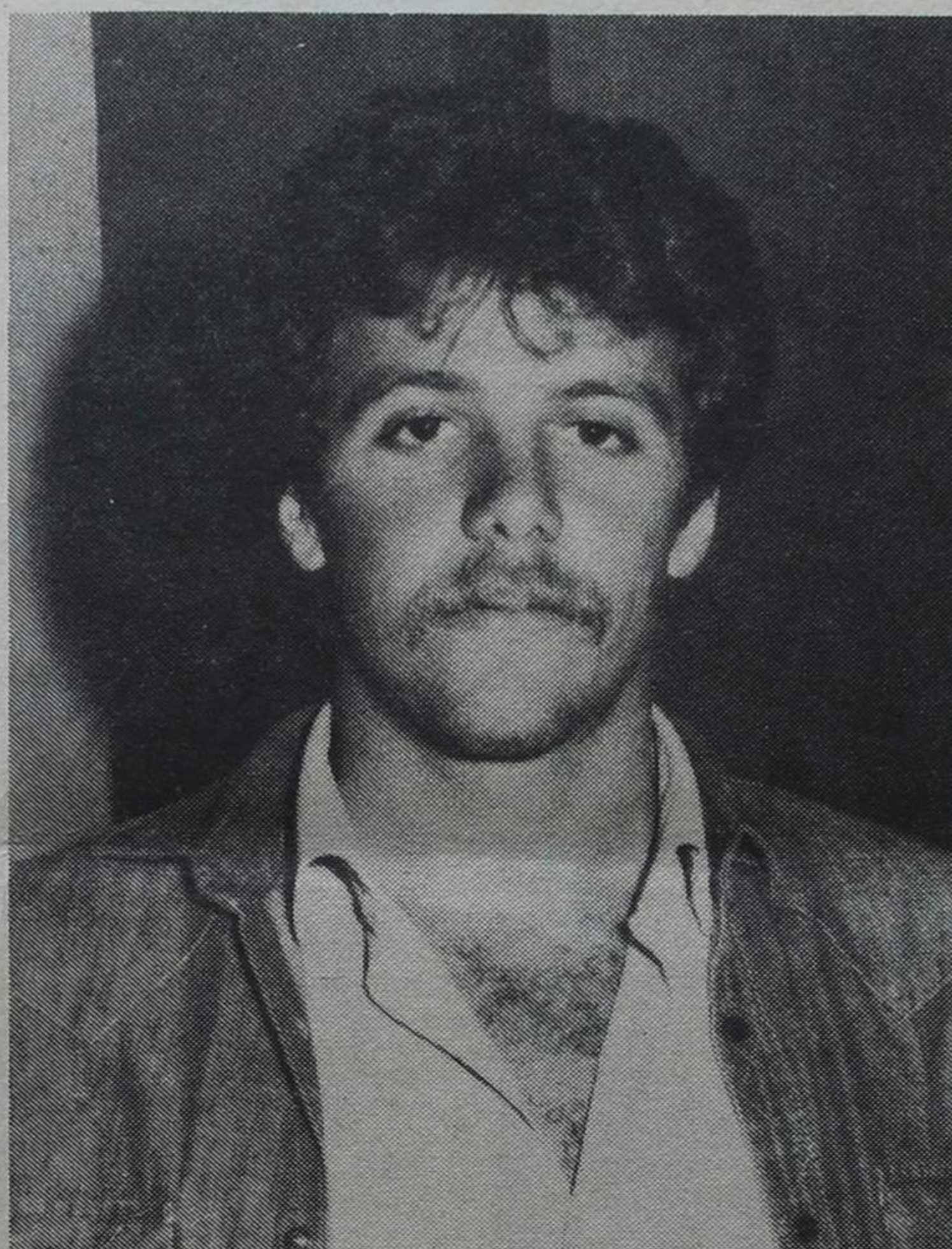
F.C. — Há campeonatos brasileiros, de clubes e seleções e campeonatos estaduais. O apuramento para o campeonato brasileiro faz-se a partir dos campeonatos estaduais. Há também a Taça do Rio de Janeiro que é

muito importante. Só no Rio temos portanto 2 campeonatos, o estadual e a Taça. As provas mais importantes são no entanto o Campeonato do Brasil e a Copa do Brasil. Esta é feita por um canal de televisão, a T.V. Record. Em termos de categorias etárias, temos mirins, infantis, infantis-juvenis, juvenis, juniores e se-

pode-se considerar que poderia haver muitos mais.

D.E. — É o voleibol a segunda modalidade do Brasil, em termos de popularidade e público, logo a seguir ao futebol, ou é por exemplo o basquetebol a modalidade em que o nível do seu país é também elevado?

F.C. — O voleibol é realmente a



Francisco António Camacho: O «team» espinhense «é o mais homogéneo do campeonato nacional». (Foto J. Martins)

niões. E há campeonatos para todas elas. Por tudo isto há um grande desenvolvimento do voleibol no Brasil.

D.E. — Quais os clubes mais cotados do voleibol brasileiro?

Há algum importante, daqueles de que estamos habituados a ouvir falar no futebol, como o Flamengo, Fluminense, etc.?

F.C. — Como já disse há a Atlântica Boavista e a Pirelli. Dos tais mais conhecidos aqui por causa do futebol há o Fluminense, o Atlético Mineiro, que está investindo bem na modalidade e é uma das grandes potências do voleibol brasileiro. O Flamengo continua a ser uma potência no voleibol feminino, mas no masculino teve uma briga com a C.B.V. e acabou com a secção.

D.E. — Há muitos jogadores de voleibol no Brasil?

F.C. — O voleibol virou moda no Brasil. Nós promovemos o mundialito no Brasil, com todas as equipas que foram ao mundial, inclusive a Rússia, e o Brasil ganhou esse mundialito. Ganhou mesmo da Rússia na final por 3-2. Isto com o segundo lugar do mundial fez com que se registasse uma grande corrida ao voleibol. No entanto, embora haja muitos praticantes, creio que atendendo ao tamanho do país,

segunda sem margem para dúvidas e só não é a primeira porque você sabe, «futebol é sempre futebol».

D.E. — A Selecção Brasileira é só apoiada pelo Estado e pela C.B.V.?

F.C. — Não. Esses apoiam realmente, mas a Atlântica Boavista, que é uma empresa muito grande de Seguros, apoia muito as seleções através da Confederação Brasileira de Voleibol.

Esta, por sua vez, também factura muito, vendendo os direitos de televisionamento para poder ajudar os atletas a prepararem-se convenientemente. O Governo ajuda também, inclusivamente a massificação. Nós lá temos a loteria esportiva, que é como aqui o totobola, e de lá sai sempre uma verba para os desportos olímpicos.

Portanto, com todo o apoio que já disse, se trabalha no voleibol do Brasil, que começa na categoria de mirins, que vai dos 8 aos 10 anos. Aqui começa o trabalho de base.

D.E. — Voltando ao S. C. Espinho. Algum desencanto ou frustração por não ter sido possível ganhar o Campeonato ou a Taça?

F.C. — Eu fiquei realmente triste. Para mim até foi mais aborrecido por não ter ganhado uma dessas provas, porque se isso tivesse acontecido talvez fosse mais fácil eu conseguir alcançar o meu objectivo de ficar cá a viver. No aspecto desportivo poderíamos realmente ter ido muito mais longe, e foi pena que assim não sucedesse. Sinto-me pois um pouco triste por isso.

D.E. — Está satisfeito com o seu rendimento?

F.C. — A partir de determinada altura sim. Agora sim, estou realmente satisfeito com o meu rendimento. Tive algumas dificuldades de adaptação a princípio, estranhei o frio, mas já ultrapassei isso.

D.E. — E agora perdoe-me o lugar comum que é realmente inevitável, segundo penso. Gosta de Portugal?

F.C. — Eu gostei. Estou só esperando minha esposa chegar para gostar mais ainda.

D.E. — E a cidade de Espinho, que lhe parece?

F.C. — Gostei muito. É o tipo de lugarzinho sossegado onde todo o mundo se conhece. Não tem aquele problema de barulho, não tem confusão nem problemas de maior como lá no Rio.

D.E. — Que mais o impressionou no nosso país e na nossa cidade?

F.C. — O que eu mais gostei foi do carinho que as pessoas me dispensaram. A sua hospitalidade foi impressionante. Logo que cheguei, as pessoas parece que todas me conheciam e diziam: «puxa, você é que é o brasileiro que vem jogar para o Espinho». Parece que todo o mundo me conhecia há muito tempo. Agora, aos poucos, eu já vou conhecendo também as pessoas, mas lá no Brasil nem o vizinho do lado a gente conhece. Este carinho, esta amizade e hospitalidade foram realmente extraordinários.

D.E. — E para terminar pergunto-lhe se, no caso de não conseguir fixar-se cá, pensa voltar novamente?

F.C. — Sim, se não conseguir cá ficar, e vou fazer por isso, penso realmente voltar a jogar em Portugal e no Espinho.

Assim chegamos ao fim da interessante conversa que mantivemos com Francisco Camacho, o «Xico» para a malta do voleibol. Resta-nos acrescentar que já o vimos actuar e que nos deixou uma impressão muito favorável. Possui uma excelente técnica e não sendo muito alto para a prática da modalidade (possui 1,86 m), tem no entanto um excelente poder de elevação e uma belíssima visão de jogo. Trata-se mesmo de reforço e pena foi que a sua ajuda não tivesse levado a equipa do S.C.E. a mais altos voos. Esperemos que assim aconteça na próxima época e se possível com a ajuda do «Xico», evidentemente.

Manuel Pereira Fontes & Ca., Lda.

— FABRICA DE TAPEÇARIAS —
Importação — Exportação

Tapetes e carpetes manuais — Passadeiras, tapetes, carpetes e alcatifas mecânicas «Wilton» e «Axminster» com desenho «REALCE».

Telex 22255 — Fontes-P ■ Telef.: 721316/7/8
SILVALDE — ESPINHO

Torneio de Competência

Carvalho deu o mote Vitorino concluiu

O Sporting de Espinho entrou com o «pé direito» na liguinha, ao vencer ao Lusitano de Évora por 4-1.

Pensamos que deu um grande passo para poder manter-se no escalão maior do futebol português. Aliás no conjunto das quatro equipas que estão a participar na «liguinha», a dos espinhenses é a mais favorita, visto que é a mais adulta e de outro escalão.

Neste momento, depois deste triunfo em Évora, os espinhenses para ficarem na 1.ª divisão terão que vencer mais três jogos, neste caso, os que terá que realizar em casa.

Tudo indica que hoje (quarta-feira) o Espinho defronta, no Avenida, o Académico de Coimbra. No entanto, por aquilo que fomos informados, os conimbr-

censes pediram à Federação Portuguesa de Futebol para suspender os jogos que terá que disputar, devido ao «caso Peniche-Águeda». Estamos quase, quase a ver na presente temporada o que se passou a época anterior com a liguinha. Aguardemos.

Mas falando agora sobre o jogo da passada sexta-feira, ou seja, Lusitano de Évora-Espinho, teremos que dizer desde já que a vitória dos espinhenses não pode ser contestada. Porquê? Porque foi o conjunto que mais procurou esse mesmo triunfo.

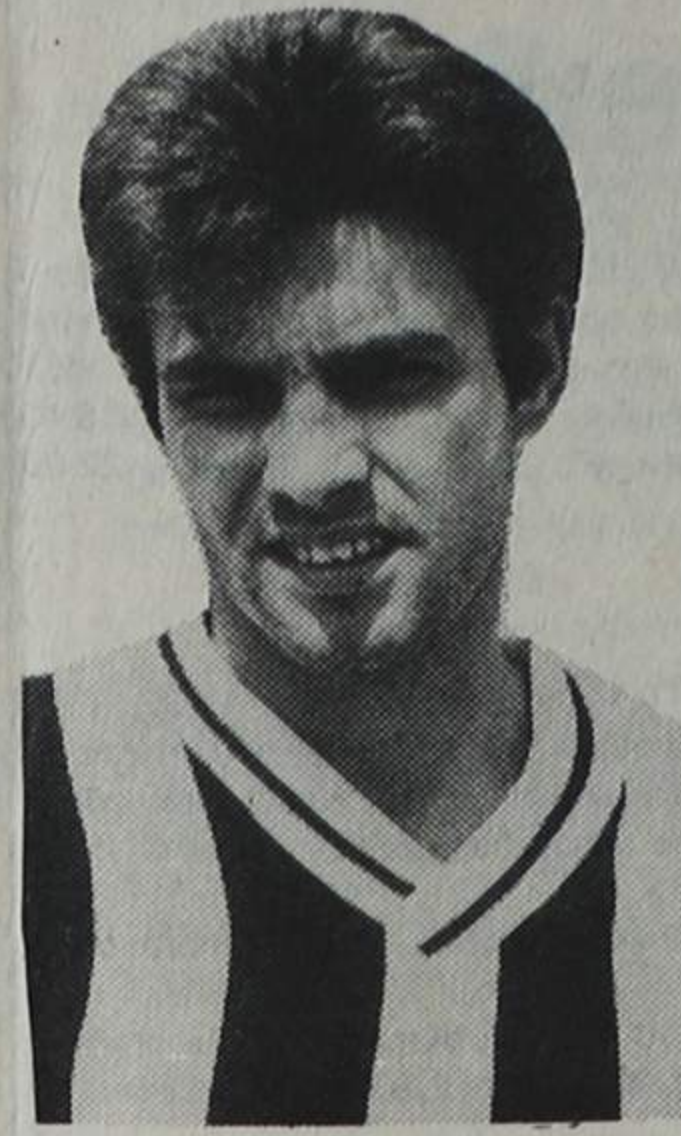
A vitória poderia ainda ter sido mais folgada não fosse as perdas dos espinhenses no período complementar. Vitorino foi o grande herói desta partida. Contudo, Carvalho, defesa central

dos eborenses, foi a grande figura (negativa) da sua equipa, visto que este jogador ofereceu dois brindes a Vitorino, tendo este aproveitado para marcar para o Espinho.

Depois de ter feito uma primeira parte invejosa, em que conseguiu chegar ao intervalo com quatro bolas de vantagem, o Espinho afrouxou um pouco no período complementar. Talvez porque estava a vencer folgadamente.

Em síntese, assistiu-se a uma partida com alguma emoção que teve um vencedor justo e um derrotado condigno.

O árbitro do encontro realizou um excelente trabalho não se deixando influenciar pelo ambiente escaldante.



Vitorino o «expresso do Espinho» foi o grande herói do jogo L. Évora-Espinho, visto ter marcado três dos quatro golos da sua equipa

L. Évora, 1 – Sp. Espinho, 4

Jogo no campo Estrela, em Évora. Árbitro: Ezequiel Feijão (Setúbal). LUSITANO DE ÉVORA – Vital; Paulo César, José Carlos, Carvalho e Quim; José Chico, Dedeu e Nordid; Cândido, Manuel Fernandes e Américo.

Ainda jogaram: Quicas. SP. ESPINHO – Mendes (2); Vivas (2), Serra (1), Balacó (1) e Raul (2); Dinis (2), João Carlos (3) e Carvalho (2); Babá (2), David (2) e Vitorino (3).

Ao intervalo: 0-4. Marcadores: Vitorino (aos 8, 10 e 30 m), João Carlos (aos 24 m) e Américo (aos 46 m). Acção disciplinar: cartão amarelo para João Carlos (aos 27 m) e Paulo César (aos 72).

TOTOBOLA

Concurso dos Órgãos de Informação n.º 26, relativo a 26 de Junho de 1983. Prognóstico «DE».

Farense-Águeda	1
Académico-Espinho	x
Lusitano-Vizela	1
Tirsense-Guarda	1
E. Amora-E. Lagos	x
Malmo-Pogon	1
Natanya-Lucerna	1
Shimshon-Aarhus	x
Viking-Odense	1
Gotemburgo-Copenhaga	1
Bryne-Hammarby	x
Cracóvia-Videoton	1
Vitkovice-Elfsborg	1

PRÉMIO SOLVERDE

Mendes	62
Raul	61
Dinis	59
Balacó	53
Carvalho e Vitorino	50
Serra e João Carlos	48
Moinhos	39
Móia	38
Vivas	34
Pinto da Rocha	27
Salvador	24
Salvado e David	17
Babá	15
Vitor Manuel	3
José Augusto	1

CLASSIFICAÇÃO

J	V	E	D	G	P
1.º Sp. Espinho	1	1	—	4-1	2
2.º L. Évora	1	—	1	1-4	0
3.º Acad. Coimbra	—	—	—	—	0
Vizela	—	—	—	—	0

PRÓXIMO JOGO

Hoje (quarta-feira), às 17 horas: Sp. Espinho-Académico de Coimbra.

Pesca

António Castro tinha anzol muito afinado

Na passada sexta-feira, a secção de pesca do Clube Académico de Espinho realizou o seu 5.º Concurso Nacional de Pesca Desportiva de Mar.

A área do concurso era de 15 quilómetros, ou seja, de Miramar a Esmoriz. Contou com a presença de 27 clubes, 70 equipas, com um total de 295 concorrentes.

Apresentamos de seguida as classificações finais:

CLASSIFICAÇÃO GERAL INDIVIDUAL

1.º – António Castro, (Futebol Clube do Porto), 6.440 Pontos; 2.º – João Vilela, (Clube Naval Povoense), 4.110 pontos; 3.º – António Soares, (Anzol Lusitano), 3.240 pontos; 4.º – Manuel Dias, (Anzol Lusitano), 3.130 pontos; 5.º – Josué Maravalhas, (Leça F. Clube), 2.510 pontos; 6.º – Artur Guedes, (A.A. Espinho), 2.370 pontos; 7.º – Luís Magalhães, (Guerra Junqueiro), 2.220 pontos; 8.º – Alfredo Dias, (Aldeia Nova), 2.040 pontos; 9.º – Manuel Lopes, (Santana), 2.040 pontos; 10.º – Fernando Queirós – (Devesas), 1.940 pontos.

CLASSIFICAÇÃO POR CLUBES

1.º – Aldeia Nova, 59 pontos; 2.º – Naval Povoense, 63 pontos; 3.º – Santana, 91 pontos; 4.º – C. Acad. Espinho, 104 pontos; 5.º – A. Acad. Espinho, 106 pontos.

CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPAS

1.ª – Aldeia Nova (A), 67 pontos; 2.ª – Santana (B), 176 pontos; 3.ª – F.C. Porto (A), 338 pontos; 4.ª – C. N. Povoense (A), 345 pontos; 5.ª – Devesas (A), 357 pontos.

Senhoras: 1.ª – D. Maria Adelaide Esteves – Infesta – 1320 pontos; Júniores: 1.º José Carvalho – Aldeia Nova – 1550 pontos; Juvenis: 1.º Carlos Lopes – Clube Académico Espinho – 1030 pontos; Melhor Pescador do Clube Académico de Espinho – Américo Castro – 16.º Classificado.

Maior Exemplar: João Vilela – Naval Povoense – 1 Tainha c/ 2,080 kg.

Maior Quantidade de Peixes: – António Castro – F.C. Porto – 6 Tainhas c/ 5,840 kg.

Em França

Académico em 2.º lugar no «internacional» de Soisson

A equipa sénior de futebol do Clube Académico de Espinho teve um comportamento extraordinário na sua digressão por terras de França.

No primeiro jogo que realizou, frente ao Villeneuve Sp Germain, os academistas perderam por 3-2. Os golos dos espinhenses foram obtidos por Loureiro e Pinto.

O Académico de Espinho alinhou da seguinte maneira: Belo; Nando, Doro, Vieira e Couto; Passos, Faustino e Vitor; Loureiro, Chico e Quim.

Ainda jogaram: B. Correia e Batista.

No torneio internacional de Soissons, seria o ponto alto do Académico de Espinho nesta sua estada em França.

Os academistas, depois de uma viagem muito cansativa, ainda conseguiram obter um honroso segundo lugar. Esta classificação dos espinhenses veio confirmar o bom momento que eles vêm atravessando.

No primeiro jogo, do certame, o Académico de Espinho empatou com a equipa francesa ECFC, por uma bola. Nos penálties, os espinhenses venceram. No outro jogo, a equipa de emigrantes do ADP Soissons empatou com o Preles AFJ, por duas bolas. O Preles venceu nas grandes penalidades.

Para o 3.º e 4.º lugares, o ADP Soisson derrotou o ECFC por 3-0. Na final, o Académico de Espinho terminou os noventa minutos regulamentares empatado a duas bolas com o Preles AFJ. Contudo, na conversão das grandes penalidades os espinhenses perderam por 5-4.

Margarida Quarenta traz título de ginástica

Margarida Quarenta, atleta da Associação Académica de Espinho, acaba de obter o título de campeã nacional absoluta de ginástica rítmica desportiva, na categoria de seniores.

Aquela que ainda recentemente foi eleita

«atleta do ano» obteve, por aparelhos, as seguintes posições: em fita, 1.º lugar; em bola, 1.º lugar; em corda, 2.º lugar.

Os campeonatos disputaram-se no passado domingo, em Gaia.



Esta é a equipa sénior de andebol feminina do Sporting de Espinho que está a um breve passo da conquista do título «Regional» (foto J. Martins)

Andebol: Femininas a um passo do título «Regional»

A equipa sénior de andebol feminino do Sporting de Espinho está a um breve passo da conquista do título regional do Porto. Basta que vençam no próximo jogo.

Para que as espinhenses pudessem chegar a onde chegaram tiveram que vencer a turma do Académico do Porto. Isso aconteceu na passada sexta-feira, em Espinho. O resultado foi favorável ao Espinho por 18-13.

O Sp. Espinho, como já é habitual, frente às «meninas» do Académico experimentou algumas dificuldades, especialmente no decorrer do primeiro tempo. A comprovar isso, está o facto das

espinhenses estarem a perder ao intervalo por uma bola de diferença.

Convém referir que este Sp. Espinho-Académico do Porto foi um excelente jogo, muito emotivo, em que as potencialidades de ambos os conjuntos veio, constantemente, ao de cima. Foi um encontro pautado de boa técnica, evidenciando as espinhenses uma apreciável frescura física.

Muito embora tenham cometido alguns erros defensivos, muito especialmente, no primeiro tempo, a turma espinhense no segundo tempo surgiram com outra predisposição. Uma defesa

mais dinâmica, com muita garra, determinação e elevada concentração. Estes factos, de certo modo, foram decisivos para a viragem do resultado.

Por fim, é justo salientar a justiça do resultado por parte das espinhenses e uma nota de simpatia para o adversário que foi um digno vencido.

A arbitragem situou-se num plano aceitável.

O Sporting de Espinho apresentou a seguinte equipa: Minas, Paulo Rodrigues, Rosa, Clara, Carmo, Rita, Marta, Sílvia, Paula Franco, Rosa Celeste, Célia e Ausenda.

Ginástica

Festival de encerramento do Sporting de Espinho

A secção de ginástica do Sporting de Espinho vai realizar na sexta-feira (17), no seu pavilhão, pelas 21h45, um festival de encerramento das suas classes de ginástica, referente à época 82/83.

A ginástica nos «tigres» tem estado em grande evidência, nos últimos anos, nos saraus em que tem estado presente. Isto será mais um forte aliciente para todos estarem presentes a este festival.

PCP + Inter = ex-CR

Faz hoje oito dias, o ministro das Finanças e do Plano, então João Salgueiro, assinava um empréstimo de 30 milhões de contos, negociado entre Portugal e um consórcio de bancos internacionais. Este empréstimo só foi possível pondo o nosso país como garantia um décimo do ouro que ainda possui.

No dia seguinte, no acto de posse do novo Governo, Mário Soares afirmava ser a situação económico-financeira do país «das mais difíceis com que Portugal tem deparado».

No mesmo dia, logo pela manhã, um semanário que não sendo da área do PS, tem ali bons informadores, titulava: «Ex-Secretariado do PS semeia (já) a descrença no Governo PS/PSD». E

à noite, a Secção de Informação e Propaganda do PCP, convidada a comentar na Rádio, o acto de posse, avisava: «O PCP vai lutar, por todos os meios legais (Sic) para derrubar o Governo».

E estamos nisto. Temos um governo apoiado numa esmagadora maioria parlamentar. Haveria, em princípio, condições favoráveis à recuperação económica. Mas o Secretariado socialista, mais o PCP, usando a força dos sindicatos — enfim, uma esquerda irresponsável —, mas não só, porque parecem existir «ondas» também no PSD, vão jogar no prolongamento de um país «ad-hoc».

Daí que se nos afigura menos correcta a afirmação de Eanes na posse do Executivo,

quando disse que «a ampla maioria de que o Governo dispõe no Parlamento assegura-lhe a possibilidade de aprovação de todos os instrumentos legais de que possa necessitar e dá-lhe a segurança política de um horizonte estável de continuidade governativa». É que acabou o Conselho da Revolução mas continuamos a debater-nos com impecilhos ao normal (e bom) funcionamento das instituições democráticas. Porque, não se duvide, enquanto não mudarem as leis laborais, quem manda neste país (ou quem o leva ao caos) é o PCP, através da sua corrente de transmissão chamada Intersindical. E minorias partidárias (de outros partidos) ajudam.

J. J.



Escola Preparatória na defesa do património local

«O objectivo desta exposição é dar a conhecer os aspectos do património local, sensibilizar para a sua defesa e fazer uma amostra real do artesanato no concelho» — afirmou-nos José Gomes, professor responsável pelas Jornadas Culturais, integradas nas comemorações do Dia da Cidade.

Tiveram início anteontem, segunda-feira, prolongando-se até hoje, quarta-feira, vindo a

terminar sensivelmente à hora a que esta edição sai para a rua. Organizadas pela Escola Preparatória de Espinho, estas jornadas tiveram a colaboração das seguintes entidades: Câmara Municipal, Cooperativa Nacente e Museu de Espinho.

Os trabalhos, que estiveram expostos, no âmbito das Jornadas na Piscina Municipal de Espinho foram apenas realizados pelos alunos da escola organizadora.

José Gomes afirmou-nos ainda que «Todas as actividades estão inseridas no plano de formação da escola».

Jorge Maia

Campanha pró-bancada do Campo da Avenida

Custo será de 30 mil contos

O Sporting de Espinho lançou uma campanha de angariação de fundos que permita a construção da bancada do recém-relvado Campo da Avenida, obra que ficará em 30 mil contos.

Para já, alguns elementos da Direcção têm recolhido donativos de particulares e comércio da cidade, cujo montante no momento é de 328 400\$00. Porque muito falta ainda, de todos se espera a melhor colaboração.

Não culpe de tudo os dentes

É vulgar transformar os primeiros dentes de leite em «bode expiatório» de tudo o que se passa com o bebé, a partir dos 4 ou 5 meses! Se tem febre, é dos dentes; se tem diarreia, é dos dentes. Acautele-se: a saída dos dentes é um processo natural, que habitualmente não provoca grandes dores, que não arrasta febres altas nem diarreias. Não descarregue as culpas nos dentes, pois o bebé pode sofrer de alguma

coisa, que merece os cuidados do médico.

Saiba, pois, que a primeira dentição se forma entre o sexto e o trigésimo mês. Consta de 20 dentes de leite que provocam, quando muito, um certo congestionamento das gengivas e um desconforto ou pequena dor. Sem complicações de maior, regra geral.

Os primeiros a despontar são os incisivos centrais (primeiros os inferiores depois os superiores), a seguir os incisivos laterais (os de cima primeiro e depois os de baixo). Todos eles surgem entre os 6 e os 12 meses, embora, nalguns casos, possam chegar «atrasados», sem que isso seja preocupante, se tudo o resto corre normalmente.

Vêm depois os primeiros molares inferiores, depois os

de cima, seguidos dos caninos e, por volta dos dois anos, os segundos molares, ficando, assim, completa a dentição de leite, com os seus 20 dentes.

Se a sua ordem não for esta e o seu calendário também não, nada de preocupações. O importante é estar-se atento desde o início, para que mais tarde o seu filho venha a ter dentes são.

Para evitar a cárie é conveniente que as crianças tomem, desde muito novas, comprimidos de flúor. Fale sobre este assunto com o médico que segue o seu filho. Mas ainda mais importante para evitar a cárie é: **nada de coisas doces!**

Logo que o bebé complete os oito dentes passe a limpá-los com a ajuda de cotonetes ou de um paninho de gaze, a seguir às refeições.

A partir do ano e meio, escovar suavemente os dentes, com a ajuda de uma escova macia, é bom, apesar de estarem «condenados» a cair por volta dos sete anos. E deixar que seja a criança a escová-los, mesmo mal, é prestar-lhe um bom serviço, criando-lhe um excelente hábito. Como diz o povo, «de pequenino se torce o pepino»...

Sarau em Lamas

No próximo sábado, a secção de ginástica do Clube de Futebol União de Lamas realiza o seu primeiro sarau.

Terá lugar no pavilhão do clube com início marcado para as 21 horas.

ANTÓNIO PAULINO

AGRADECIMENTO

Sua família vem por este ÚNICO MEIO, agradecer a todas as pessoas que compareceram ao funeral e missa do 7.º dia, ou que por qualquer outro meio lhe manifestaram o seu pesar.

Boa mesa

CASA MARRETA — Almoços, lanches e jantares. Especializada em: Arroz de marisco, lulas, enguias, caldeiradas, açorda de peixe, bons vinhos. Pedro da Silva Lopes. Rua 2, n.º 1355 — Telef. 720091 — 4500 ESPINHO
Reserve a sua mesa

Médicos

JORGE PACHECO/J. CARLOS RAMOS PEREIRA — Médicos dentistas. Consultório: Av. 8, n.º 784-1.º — Telef. 722718 — ESPINHO.

DR.ª MARIA ALICE TELES FRAGA — Clínica Geral. Rua 31, n.º 321 — Telef. 720689. Consultas: 2.ª e 5.ª a partir das 17.30 horas.

Solicitadores

MILTON PINHO/GLÓRIA RODRIGUES — Solicitadores. Rua 28, n.º 583 — r/c. Telefone: 720584 — ESPINHO.

Em Esmoriz

O «Defesa de Espinho» vende-se nos seguintes locais: Café Pacífico.

Mensagens

ORAÇÃO AO DIVINO ESPÍRITO SANTO — Divino Espírito Santo. Vós que me esclareceis em tudo, iluminais todos os meus caminhos para que eu atinja a felicidade.

Vós que me concedeis o sublime dom de perdoar e esquecer as ofensas, até o mal que me tenham feito. Vós que estais comigo em todos os instantes em que quero, humildemente agradecer por tudo o que sou, por tudo o que tenho e confirmar uma vez mais a minha esperança de um dia merecer e poder juntar-me a Vós e todos os meus irmãos na perpétua glória da paz.

Obrigada mais uma vez (a pessoa deverá fazer esta oração por três dias seguidos, sem dizer o pedido, e dentro de três dias terá alcançado a graça por mais difícil que seja).

Publicada por graças recebidas. — J.S.

Aluguéis

ALGARVE — Praia do Alvor. Aluga-se T1, a 400 m da Torralta, p/ casal e 2 filhos, de Junho até Setembro, por períodos a combinar. Falar telefones 720811 de noite, 722036 e 723726, de dia.

Classificados

Vendas

ACEITAM-SE PROPOSTAS DE COMPRA DE MOBILIÁRIO METÁLICO E DE MADEIRA. Convém escritórios ou a consultórios. Contactar Caixa Geral de Depósitos — Espinho.

TERRENO EM SALES (SILVALDE). — Com cerca de 5.000 m2. Contactar pelos telefones 721684/722018.

TERRENO MURADO C/CERCADE 1.500 M2. No lugar de Sales (Silvalde). C/ duas frentes, sendo uma delas para futura rua projectada.

ÓPTIMO TERRENO EM SILVALDE. Lugar do Formal com cerca de 2.000 m2. Óptimos acessos, c/ saneamento, água companhia e luz. Telefone: 722134 das 12 às 14 horas.

Campo de trabalho em Esmoriz

O FAOJ em colaboração com a Junta de Freguesia de Esmoriz, vai realizar de 18 a 31 de Julho um Campo de Trabalho em Esmoriz que terá como objectivo a construção de um circuito de manutenção. Este trabalho útil a uma comunidade, tem em vista não só a tarefa material em si mas também um benefício psicológico e social para a comunidade e para os jovens participantes. O jovem terá um período de trabalho de 4 a 5 horas diárias, com excepção do fim-de-semana. Para além do período de trabalho há um programa de actividades culturais e

recreativas para ocupação dos tempos livres. Os jovens ficarão instalados em tendas na cerca da Escola Preparatória daquela Vila. Os interessados deverão ter entre 15 e 26 anos e estarem livres de compromissos escolares. O alojamento e a alimentação (servida na cantina da referida Escola Preparatória) são gratuitos. A inscrição é de 1.500\$00. O trabalho não é remunerado.

O local oferece condições para a prática de canoagem, pesca, pesca submarina, badminton e vela. Os interessados deverão

ser portadores do seguinte material individual: Um cobertor ou saco-cama; um jogo de talheres; um copo de plástico; vestuário prático e desportivo; fato de banho ou bikini; instrumento musical que saiba utilizar.

As inscrições deverão ser feitas por carta (ou ficha própria), incluindo os 1.500\$00 de inscrição em cheque ou vale de correio até ao próximo dia 18 de Junho. A carta ou ficha deve ser dirigida a FAOJ — Casa da Cultura da Juventude de Aveiro — Av. 25 de Abril, 24 r/c — 3800 AVEIRO.

Entrevista a Luís Albernaz

Na próxima edição, o nosso jornal publicará uma entrevista com o vereador responsável pelo pelouro de Turismo, Luís Albernaz.

A formação de uma comissão de apoio ao vereador

(Comissão de Turismo), as festas de Verão, as obras da praia e outras questões que preocupam uma terra voltada para o Turismo, como é Espinho, são ali afloradas.

Inquérito de rua

Merecerá Espinho ser cidade?

□ TEXTO MÁRIO CÁLIX / FOTOS JOSÉ MARTINS

O Hospital local foi objecto da crítica-mor dos interrogados num inquérito de rua por nós realizado. A questão que pusemos foi a seguinte: «terá Espinho estruturas razoáveis para ser denominada cidade?» Foi opinião generalizada que esta urbe, embora com muitas carências, merece o título que lhe foi atribuído há dez anos.

António Pais, estudante, de vinte anos, emitiu a seguinte opinião: «Penso que esta cidade tem o mínimo indispensável para o ser. Se não possui mais é porque não será possível. No que se refere a população, pelos vistos, tem. Quanto a estruturas, é necessário dar tempo ao tempo. Espinho tem que ter um desenvolvimento progressivo, não instantâneo. Espinho terá lucrado com esta designação pois, desta maneira, o desenvolvimento dá-se com maior rapidez e facilidade. Se Espinho evolui, isso é devido a empresas como o caso da «Solverde» e outras firmas, que tudo têm feito em prol desta cidade».

Silvério dos Santos, de cinquenta anos de idade, barbeiro, acha que Espinho lucrou bastante em ser cidade: «Muitas das coisas que Espinho tem hoje é graças a ser cidade. Sendo cidade Espinho capta mais facilmente a atenção das entidades oficiais para a resolução dos nossos problemas. A maior carência de Espinho é sem dúvida o hospital».

Uma das personagens que mais contribui para a beleza da cidade é, sem dúvida, o varredor. Quisemos saber como encara ele

esta questão indagando um deles. José, de quarenta e dois anos, varredor, pensa que esta povoação merece ser cidade: «Porquê que não há-de merecer? Espinho é uma cidade bem bonita e o nosso prazer é que ela seja ainda mais bonita. Cada vez existem mais estabelecimentos, o que prova que lucramos com esta designação. O que falta cá é a saúde e a paz do Senhor».

Em curtas declarações, Bento Cruz dos Santos, reformado, de sessenta e oito anos, era da opinião de que o adjetivo cidade está muito bem aplicado. «Porquê não há-de merecer? Não sei propriamente o que falta, mas que falta muito, isso é verdade».

«Acho que Espinho merece ser cidade, e tem categoria

para o ser, lucrando muito com este facto. O desenvolvimento da cidade foi, no contexto nacional, normal. O que mais falta faz é um complexo desportivo e um novo hospital», referiu-nos Francisco Sil, de 19 anos, estudante.

Maria Manuela, de vinte anos, e Júlia Maria, de dezoito, ambas estudantes, salientaram que Espinho tem estruturas para ser cidade, oferecendo muito aos turistas, principalmente a praia, o casino, entre outros. «Espinho,

«Acho que Espinho necessita de muita e variada coisa, como, por exemplo, um Palácio da Justiça, um novo hospital e muita higiene por parte das populações» - declarou-



ANTÓNIO PAIS: há o mínimo indispensável



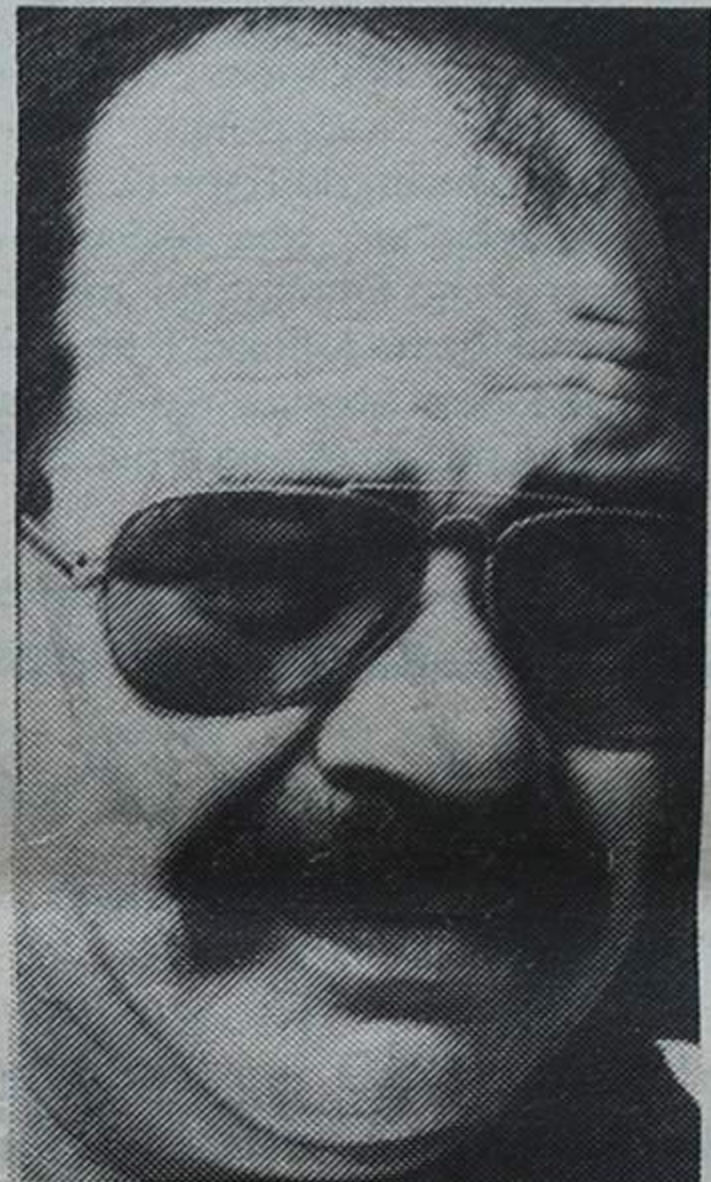
ISAURA SARAGOÇA: e o Bairro Piscatório?



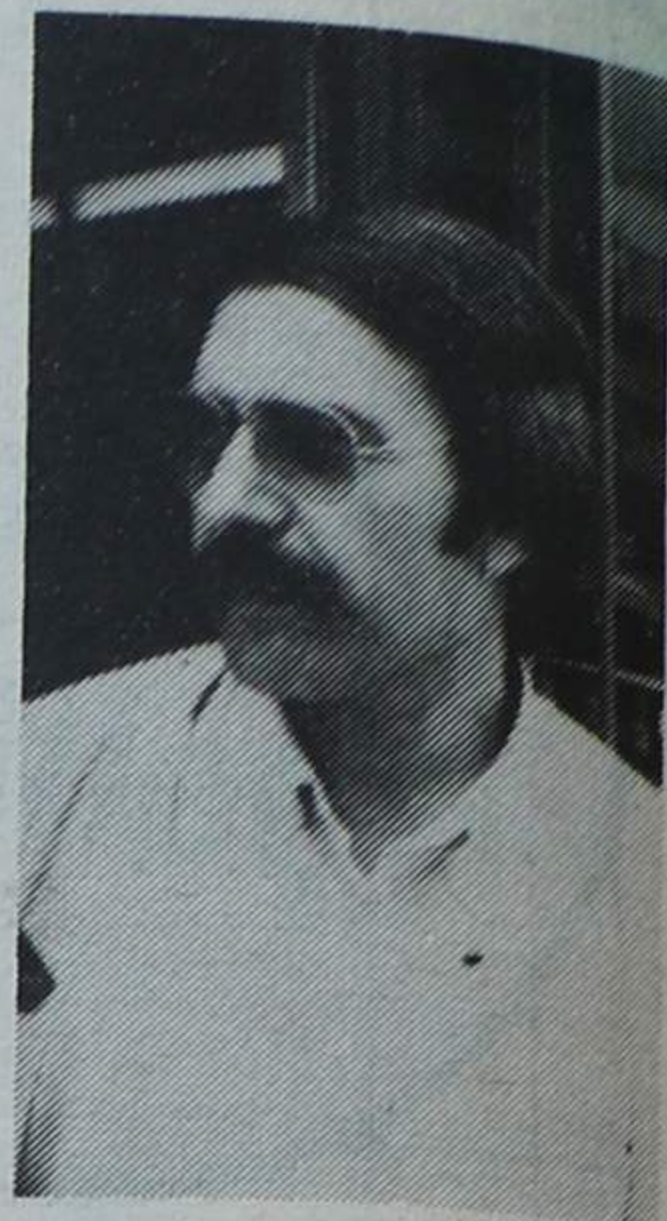
JOSÉ, varredor: uma cidade bonita



LURDES e AVELINA: o turismo é tudo



JOSÉ NEVES: não merece ser cidade



SILVÉRIO SANTOS: o hospital no centro das preocupações



FRANCISCO SIL: Espinho tem categoria

quanto às condições e estruturas de que Espinho dispõe, penso que estão dentro do possível. A melhoria do nosso hospital é imprescindível.

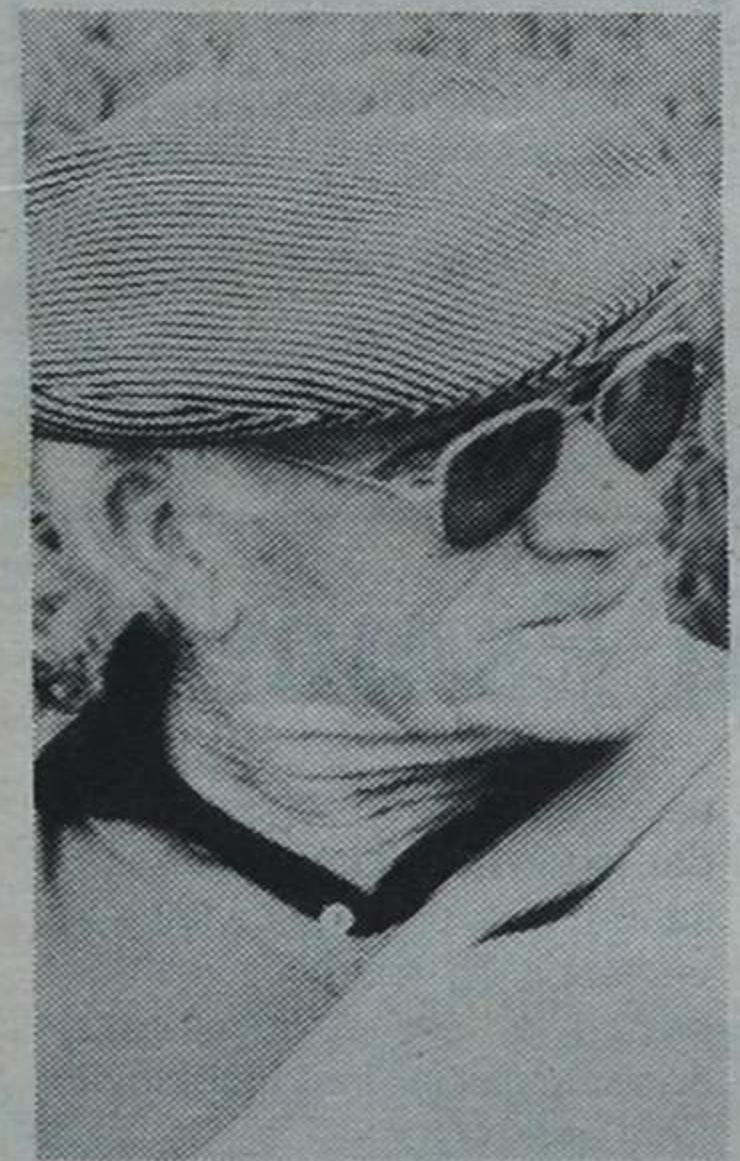
Quanto aos hotéis, seriam necessários mais um ou dois.

Nos anos transactos, Espinho teve mais visitantes. Houve um decréscimo na procura de Espinho como centro de férias.

Isso deve ser devido não só às obras da prala como à falta de propaganda desta cidade».

Pensamos serem de grande importância as respostas de habitantes do Bairro Piscatório, pelo que inquirimos Isaura da Silva Saragoça, de cinquenta e cinco anos, peixeira, que nos disse:

«Acho que Espinho merece ser cidade. Espinho tem condições para ser cidade, e já o devia ser há muito tempo. Só falta no bairro dos pescadores, onde as fossas estão entupidas e as estradas muito estragadas. O hospital «é muito bom». Uma conhecida minha foi lá ter um filho e mandaram-na para Gala. Se a gente não tiver cento e cinquenta «paus» não nos dão consulta».



BENTO CRUZ SANTOS: porque não há-de merecer?

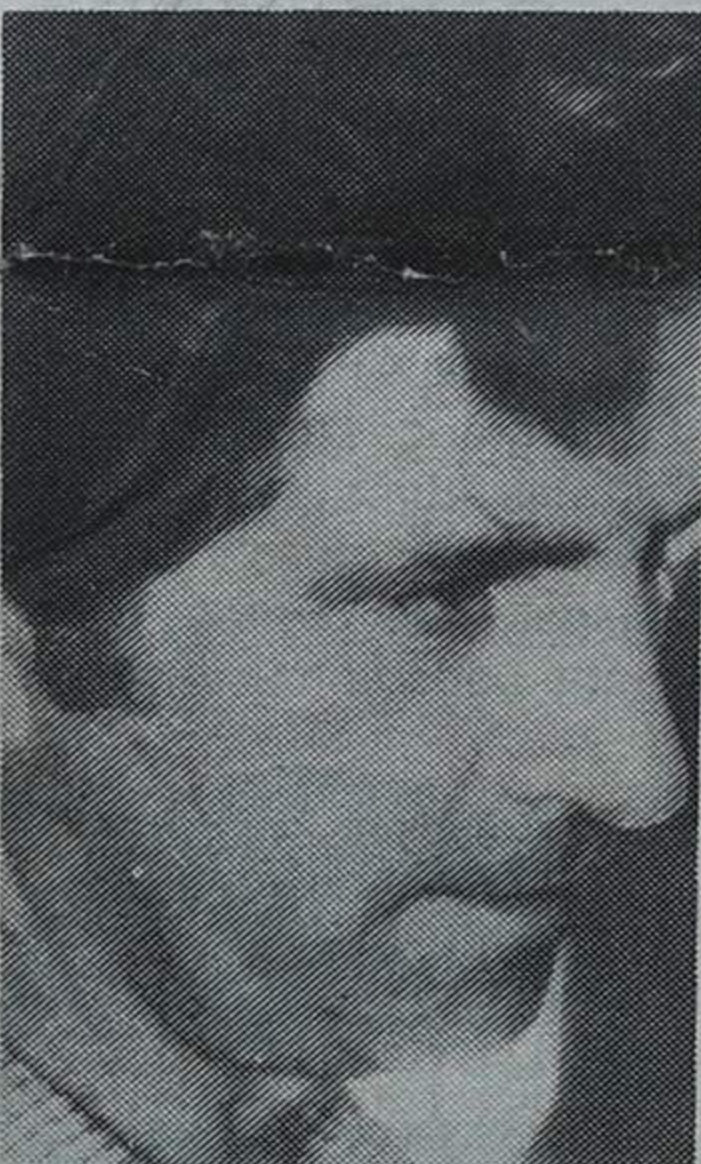


MANUELA e JÚLIA: «cheira» a metrópole



LUÍS BENTO: viram a propaganda?

embora seja uma cidade relativamente pequena, tendo muito ainda para caminhar, tem categoria para ser uma grande metrópole. Os hotéis são bons, mas a melhor coisa que Espinho tem é o Casino Solverde». De referir ainda que estas duas jovens não são de Espinho.



ALBERTO SOUSA: nem saúde nem justiça

-nos José Neves, de quarenta e cinco anos, empregado têxtil.

«Quanto a mim, Espinho não merece ser chamada de cidade, pois está muito atrasada para o ser. Espinho, para ser cidade, deveria evoluir um pouco mais».

Alberto Augusto Sousa, de quarenta e oito anos, carpinteiro e subchefe dos bombeiros voluntários espinhenses, foi de opinião que Espinho tem condições para ser uma cidade e lucrou muito, principalmente no aspecto turístico. «O que mais falta faz nesta

localidade é o Palácio de Justiça e um hospital digno desse nome e de uma cidade».

Em declarações prestadas, Maria de Lurdes Pereira, de 18 anos, e Avelina Maria, também de 18, e ambas estudantes, disseram-nos que Espinho merece ser cidade, pois é um centro turístico muito frequentado. O principal melhoramento, segundo suas opiniões, era o renascimento do hospital e a melhoria das condições de vida no Bairro Piscatório. «A condição de vida de algumas pessoas precisa de ser melhorada, e deve-se deixar de olhar apenas para a rua 19 e a «Avenida», dando atenção às outras partes da cidade».

Luís de Almeida Bento, trinta e nove anos, comerciante, referiu-nos: «Acho indiscutível o facto de Espinho ser cidade. Claro que merece. Bem...».

DEFESA DE ESPINHO

Fundado em 27 de Março de 1932 por Benjamim da Costa Dias
Propriedade da EMPES - Empresa de Publicidade de Espinho, Lda.
Redacção e Administração na Rua 26 n.º 601-2.º Esq. - Apartado 39 - 4501 ESPINHO Codex - Telefone 721525
Maquetagem da EMPES - Publicidade
Fotocomposição e impressão nas Oficinas Gráficas de «O Comércio do Porto», Avenida dos Aliados, 107 - 4008 PORTO Codex
Tiragem média de 3.500 exemplares
Depósito Legal n.º 1604/83

Porque podem não reflectir a linha editorial do «Defesa de Espinho», os textos assinados são da exclusiva responsabilidade dos seus autores

Semanário ☆ Sai à quinta-feira

PORTE PAGO

Biblioteca da Câmara Municipal

Apartado 150

4502 ESPINHO CODEX